

Série
ESTATÍSTICAS ENERGÉTICAS

NOTA TÉCNICA DEA 18/10

Boletim de Conjuntura Energética
2º trimestre 2010

Rio de Janeiro
Outubro de 2010



Ministério de
Minas e Energia



(Esta página foi intencionalmente deixada em branco para o adequado alinhamento de páginas na impressão com a opção frente e verso - “*double sided*”)



GOVERNO FEDERAL

Ministério de Minas e Energia

Ministro

Márcio Pereira Zimmermann

Secretário Executivo

José Antonio Corrêa Coimbra

Secretário de Planejamento e Desenvolvimento Energético

Altino Ventura Filho

Diretor do Departamento de Planejamento Energético

Gilberto Hollauer



Empresa de Pesquisa Energética

Empresa pública, vinculada ao Ministério de Minas e Energia, instituída nos termos da Lei n.º 10.847, de 15 de março de 2004, a EPE tem por finalidade prestar serviços na área de estudos e pesquisas destinadas a subsidiar o planejamento do setor energético, tais como energia elétrica, petróleo e gás natural e seus derivados, carvão mineral, fontes energéticas renováveis e eficiência energética, dentre outras.

Presidente

Mauricio Tiomno Tolmasquim

Diretor de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais

Amílcar Guerreiro

Diretor de Estudos de Energia Elétrica

José Carlos de Miranda Farias

Diretor de Estudos de Petróleo, Gás e Biocombustível

Elson Ronaldo Nunes

Diretor de Gestão Corporativa

Ibanês César Cássel

URL: <http://www.epe.gov.br>

Sede

SAN – Quadra 1 – Bloco B – Sala 100-A
70041-903 - Brasília – DF

Escritório Central

Av. Rio Branco, n.º 01 – 11º Andar
20090-003 - Rio de Janeiro – RJ

Série
ESTATÍSTICAS ENERGÉTICAS

NOTA TÉCNICA DEA 18/10
**Boletim de
Conjuntura Energética
2º trimestre 2010**

Coordenação Geral

Mauricio Tiomno Tolmasquim
Amílcar Guerreiro

Coordenação Executiva

Ricardo Gorini de Oliveira

Coordenação Técnica

Cláudio Gomes Velloso
Emílio Hiroshi Matsumura

Equipe Técnica

Gustavo Naciff de Andrade
Inah Rosa Borges de Holanda
Isabela de Almeida Oliveira
Jaine Venceslau Isensee
Lena Santini Souza Menezes
Marilene Dias Gomes
Reinaldo da Cruz Garcia

Estagiário

Manuel Victor Martins de Matos

Rio de Janeiro
Outubro de 2010

(Esta página foi intencionalmente deixada em branco para o adequado alinhamento de páginas na impressão com a opção frente e verso - “*double sided*”)

Série
ESTATÍSTICAS ENERGÉTICAS
NOTA TÉCNICA DEA 18/10
Boletim de Conjuntura Energética
2º trimestre 2010

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
RESUMO EXECUTIVO	3
1 ENERGIA ELÉTRICA	6
1.1 CONSUMO	6
1.1.1 Consumo industrial	9
1.1.2 Consumo comercial	14
1.1.3 Consumo residencial	17
1.2 GERAÇÃO	21
1.3 LEILÕES	24
1.4 NOVAS USINAS	25
1.5 INTERCÂMBIOS	27
1.6 TARIFAS	30
2 HIDROCARBONETOS E BIOCOMBUSTÍVEIS	33
2.1 HIDROCARBONETOS	38
2.1.1 Petróleo	38
2.1.2 Diesel	39
2.1.3 Querosene de Aviação (QAV)	40
2.1.4 Gasolina	41
2.1.5 Gás Liquefeito de Petróleo (GLP)	41
2.1.6 Óleo combustível	42
2.2 BIOCOMBUSTÍVEIS	43
2.2.1 Biodiesel	43
2.2.2 Etanol	45
2.2.3 Bagaço de cana	48
3 GÁS NATURAL	50
3.1 MERCADO DE DISTRIBUIÇÃO DE GÁS	52

3.1.1	Consumo Industrial	53
3.1.2	Geração de Energia Elétrica	55
3.1.3	Gás Natural Veicular (GNV)	55
3.1.4	Consumo Residencial	56
3.1.5	Consumo Comercial	57
3.1.6	Cogeração	58
3.2	PERSPECTIVAS DO SETOR	58
4	REFERÊNCIAS UTILIZADAS	61

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Brasil: Variação do PIB (%)	3
Tabela 2 - Consumo total dos principais energéticos	4
Tabela 3- Brasil: consumo de energia elétrica atendido pela rede	6
Tabela 4 - Brasil: consumo de energia elétrica atendido pela rede por segmento de mercado	8
Tabela 5 - Brasil: consumo total por região e UF - II Trimestre de 2010	9
Tabela 6 - Brasil: consumo industrial	10
Tabela 7 - Brasil: consumo industrial por região e UF - II Trimestre de 2010	14
Tabela 8 - Consumo comercial	15
Tabela 9 - Brasil: consumo comercial por região e UF - II Trimestre de 2010	16
Tabela 10 - Brasil: Consumo residencial	17
Tabela 11 - Classe residencial: número de unidades consumidoras (mil) e consumo médio (kWh/mês)	19
Tabela 12 - Brasil: consumo residencial por região e UF - II Trimestre de 2010	20
Tabela 13 - Brasil: geração de energia elétrica	21
Tabela 14 - Brasil: usinas que iniciaram operação comercial - II Trimestre de 2010	26
Tabela 15 - Brasil: tarifas médias por classe de consumo (R\$/MWh)	30
Tabela 16 - Brasil: tarifas médias por região geográfica (R\$/MWh)	30
Tabela 17 - Brasil: reajustes tarifários do 2º trimestre de 2010.	31
Tabela 18 - IPCA desagregado: energéticos vs. não energéticos (%)	36
Tabela 19 - Exportação de combustíveis - II Trimestre (US\$ bilhões)	36
Tabela 20 - Importações de Combustíveis	37
Tabela 21 - Indicadores da cadeia do petróleo (10^3 m^3)	38
Tabela 22 - Indicadores da cadeia do óleo diesel	39
Tabela 23 - Indicadores da cadeia de querosene de aviação	40
Tabela 24 - Indicadores da cadeia da gasolina	41
Tabela 25 - Indicadores da cadeia do GLP	42
Tabela 26 - Indicadores da cadeia do óleo combustível	43
Tabela 27 - Indicadores da cadeia do biodiesel (10^3 m^3)	43
Tabela 28 - Setor sucroalcooleiro: dados de produção consolidados	46
Tabela 29 - Exportação de etanol	46
Tabela 30 - Venda de etanol (10^3 m^3)	46
Tabela 31 - Oferta de Bagaço de Cana	49
Tabela 32 - Gás natural: balanço (milhões m^3/dia)	51
Tabela 33- Gás natural: variação do consumo no segundo trimestre de 2010 (%)	53
Tabela 34 - Gás Natural Veicular: tarifa (R\$/ m^3)	56

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Brasil: consumo de energia elétrica atendido pela rede - taxas de crescimento em 12 meses (%)	7
Gráfico 2 - Brasil: contribuição por classe na composição do consumo no II trimestre (GWh)	8
Gráfico 3 - Brasil: consumo industrial (GWh)	10
Gráfico 4 - Brasil: variação do PIB industrial (%)	11
Gráfico 5 - Brasil: produção física industrial (índice)	12
Gráfico 6 - Produção física por unidade da federação: variação (%)	12
Gráfico 7 - Brasil: consumo comercial (GWh)	15
Gráfico 8 - Brasil: consumo residencial (GWh)	18
Gráfico 9 - SIN: energia armazenada (em percentual do volume máximo)	22
Gráfico 10 - SIN: Curva de Aversão ao Risco (CAR) e Energia Armazenada (EA) - %	23
Gráfico 11 - SIN: Preço de Liquidação das Diferenças (PLD) - (R\$/MWh)	24
Gráfico 12 - SIN: intercâmbio de energia elétrica através do subsistema Sudeste/Centro-Oeste - Itaipu 50 (MWmédio)	28
Gráfico 13 - SIN: intercâmbio internacional de energia elétrica através do subsistema Sul (MWmédio)	29
Gráfico 14 - Sistemas Isolados: intercâmbio de energia elétrica com a Venezuela (MWmédio)	29
Gráfico 15 - Variação da produção física no refino de petróleo e álcool (%) - II Trimestre 2010	33
Gráfico 16 - Utilização da Capacidade Instalada - percentual médio (*)	34
Gráfico 17 - Variação do pessoal ocupado assalariado (%) - II Trimestre de 2010	35
Gráfico 18 - Variação da folha de pagamento real (%) - II Trimestre de 2010	35
Gráfico 19 - Variação das importações por setores, 2010/2009 (%)	37
Gráfico 20 - Preços do petróleo e índice CRB (variação %)	39
Gráfico 21 - Preço médio do óleo diesel (R\$/l)	40
Gráfico 22 - Preço médio de comercialização de biodiesel nos leilões da ANP (R\$/m ³)	44
Gráfico 23 - Participação das matérias-primas na produção de biodiesel - junho/2010	44
Gráfico 24 - Cotação internacional do óleo de soja (US\$/t métrica)	45
Gráfico 25 - Vendas de etanol combustível (10 ³ m ³)	47
Gráfico 26 - Vendas de automóveis no atacado por combustível (10 ³ unidades)	47
Gráfico 27 - Preço do etanol (R\$/l)	48
Gráfico 28 - Bagaço de Cana: Oferta mensal (10 ³ t)	49
Gráfico 29 - Destinação do gás natural (%)	52
Gráfico 30 - Correlação entre o consumo de gás natural na indústria e a produção industrial - II trimestre 2010	54
Gráfico 31 - Variações no preço e consumo de GNV - II trimestre 2010	56

(Esta página foi intencionalmente deixada em branco para o adequado alinhamento de páginas na impressão com a opção frente e verso - “*double sided*”)

APRESENTAÇÃO

Os Boletins Trimestrais de Conjuntura Energética foram instituídos pela EPE praticamente no início de suas atividades, no ano 2005, objetivando apresentar estatísticas consolidadas e análises do comportamento do mercado de energia no País. No entanto, nem sempre essas publicações se apresentaram da forma como se encontram atualmente, tendo ocorrido algumas adaptações ao longo do tempo.

Inicialmente, procurando manter a sequência de um documento que formou tradição no Grupo Coordenador do Planejamento dos Sistemas Elétricos (GCPS) e nas Centrais Elétricas Brasileiras S.A. (Eletrobrás), que coordenava o Comitê Técnico para Estudos de Mercado (CTEM) daquele colegiado, os boletins dedicavam-se exclusivamente ao mercado de energia elétrica. Em 2006, a EPE instituiu também boletins trimestrais de acompanhamento da conjuntura energética, com foco nos energéticos e seus usos, exclusive a energia elétrica. A partir de então, foram editados dois boletins a cada trimestre, sendo que os últimos a serem publicados referiam-se ao primeiro trimestre de 2008.

Ao longo do ano de 2009, a EPE passou por importantes modificações institucionais e orgânicas. Primeiro, migrou para o Orçamento Fiscal, redefinindo suas relações com o Ministério de Minas e Energia (MME), não obstante a manutenção do vínculo com este Ministério. Em seguida, promoveu ajustes organizacionais que, entre outras providências, agrupou as atividades das superintendências de Estudos Econômicos e de Recursos Energéticos, cada uma delas responsável por um dos dois boletins trimestrais acima referidos, em um único órgão. A suspensão da edição dos boletins está associada a esse processo de transformação.

Com a consolidação das mudanças, a EPE reiniciou, no primeiro trimestre de 2009, a produção dos boletins trimestrais, reformatados e reunindo, em um único documento, as estatísticas consolidadas e as análises do comportamento de todo mercado energético. Assim, este boletim, editado na forma de uma nota técnica, compreende tanto a energia elétrica como os demais energéticos consumidos no país (com exceção da lenha e do carvão mineral).

A preparação deste boletim se remete aos procedimentos do acompanhamento do mercado de energia elétrica, efetuado no âmbito da Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica (COPAM) que, coordenada pela EPE, reúne os principais agentes do consumo de eletricidade do país, e do acompanhamento do mercado de energia em geral, efetuado como parte do processo de elaboração do Balanço Energético Nacional (BEN), cuja elaboração e publicação a Lei n° 10.847/2004 e o Decreto n° 5.184 atribuíram à EPE.

Esse boletim contempla os principais energéticos em uso do país, estando disponível no site da EPE: <<http://www.epe.gov.br/>>.

(Esta página foi intencionalmente deixada em branco para o adequado alinhamento de páginas na impressão com a opção frente e verso - “*double sided*”)

RESUMO EXECUTIVO

O resultado do Produto Interno Bruto - PIB no segundo trimestre de 2010, divulgado pelo IBGE em setembro, mostrou que a economia brasileira segue em processo de expansão, em ritmo mais moderado, com crescimento de 1,2% em relação ao primeiro trimestre do ano. Em comparação com o mesmo período do ano anterior, verifica-se um desempenho bastante expressivo de 8,8%. Há que se considerar que, no mesmo trimestre do ano anterior, a economia ainda se ressentia dos efeitos da crise, mas, por outro lado, levando-se em conta o panorama internacional, o crescimento foi elevado.

Conforme pode ser visto na Tabela 1, no segundo trimestre deste ano, todos os componentes do PIB, tanto pelo lado da oferta quanto da demanda, apresentaram variação positiva.

Tabela 1 - Brasil: Variação do PIB (%)

Setor de atividade	Variação do PIB - II Trimestre 2010		
	Trimestre imediatamente anterior	Mesmo trimestre do ano anterior	Acumulado nos últimos 4 trimestres
Agropecuária	2,1	11,4	1,6
Indústria	1,9	13,8	5,6
Serviços	1,2	5,6	4,5
PIB a preços de mercado	1,2	8,8	5,1
Consumo das famílias	0,8	6,7	6,9
Consumo do Governo	2,1	5,1	3,4
Formação bruta de capital fixo	2,4	26,5	8,9
Exportação de bens e serviços	1,0	7,3	0,7
Importação de bens e serviços (-)	4,4	38,8	12,7

Notas: * 12 meses findos em junho (variação acumulada em quatro trimestres)

Fonte: IBGE. Elaboração: EPE.

Pelo lado da demanda, pode-se enfatizar o resultado da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que já se encontra em níveis superiores ao do período pré-crise. O aumento de 26,5% em relação ao verificado no mesmo período do ano anterior, embora reflita uma base de comparação deprimida, é ainda assim bastante favorável, visto que na comparação com o trimestre imediatamente anterior a FBCF cresceu 2,4%. Este bom desempenho está relacionado com as condições favoráveis de crédito, o aumento da confiança dos empresários e o início de investimentos destinados a projetos ligados aos eventos esportivos e ao pré-sal.¹

Da mesma forma, pelo lado da oferta, verifica-se que todos os componentes mantiveram elevadas taxas de crescimento. O resultado do setor de serviços se beneficiou influenciado pelo aquecimento do mercado de trabalho e pela manutenção da expansão do crédito. A agropecuária, de acordo com o IBGE,² teve sua taxa elevada devido ao aumento de

¹ Bradesco. Destaque Depec. Ano VIII - Número 15 - 03 de setembro de 2010.

² IBGE. Contas Nacionais Trimestrais. Abril/Junho 2010. Disponível em <www.ibge.org.br>

produtividade e ao desempenho de alguns produtos que possuem papel relevante no período, tais como soja, café e milho. O destaque, porém, ficou por conta do setor industrial, que após severos efeitos da crise sobre sua produção, conseguiu retomar o ritmo de suas atividades.

A retomada da economia também se verifica a partir da evolução positiva do mercado de trabalho. Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho, houve um crescimento dos postos de trabalho no período, que apresentou um saldo de mais de 800 mil admissões no segundo trimestre de 2010. No acumulado 12 meses findos em junho de 2010, foram gerados cerca de 1.480 mil empregos e a indústria geral apresentou crescimento de 3,9% no nível de pessoal ocupado.

Quanto ao consumo de recursos energéticos no país, a evolução dos principais produtos que atenderam à demanda de energia durante o segundo trimestre de 2010 pode ser observada na Tabela 2. Estes energéticos foram consumidos como fonte primária e/ou secundária, representando cerca de 70,0% do consumo final energético nacional.

Tabela 2 - Consumo total dos principais energéticos

Fonte	Unidade	II Trimestre 2010		12 meses findos em junho de 2010	
		Quant.	Δ %	Quant.	Δ %
Eletricidade	GWh	104.491	10,2	407.420	5,0
Biocombustíveis					
Etanol hidratado	10 ³ m ³	3.779,2	-7,2	15.232,1	1,4
Etanol anidro	10 ³ m ³	1.642,2	8,1	6.592,1	4,7
Biodiesel	10 ³ m ³	608,6	87,8	2.111,5	61,0
Gás natural	10 ⁶ m ³ /dia	54,6	18,8	48,4	-4,8
Derivados de petróleo					
Gasolina "C"	10 ³ m ³	7.051,0	16,0	27.861,1	10,6
GLP	10 ³ m ³	3.166,7	4,3	12.345,3	2,0
Óleo diesel	10 ³ m ³	12.172,9	12,7	46.948,8	7,4
Óleo combustível	10 ³ m ³	1.301,5	5,2	5.142,7	4,0

Obs.: variação sobre igual período do ano anterior.

Fontes: EPE, ANP e Boletim do Gás Natural (MME). Elaboração EPE.

O consumo nacional de energia elétrica totalizou 104.491 GWh no segundo trimestre de 2010, registrando um crescimento de 10,2% em relação ao mesmo período de 2009. O consumo industrial apresentou expansão de 14,4%. A taxa anualizada em 12 meses findos em junho apresentou crescimento de 4,0%. O consumo residencial e o consumo comercial mantiveram patamares elevados de crescimento apresentadas nos trimestres anteriores, respectivamente 7,9% e 7,1%, como resultado de uma conjuntura econômica favorável a esses segmentos.

Conforme informações da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), no segundo trimestre de 2010, o número total de veículos vendidos no país superou em 6,1% o registrado para o mesmo período do ano anterior, alcançando 806 mil unidades, 81% com a tecnologia flex. Quanto à contribuição dos combustíveis, houve redução

de 7,2% no consumo de álcool hidratado, porém significativa expansão no consumo dos derivados de petróleo, com a gasolina registrando expansão de 16,0% no período. O consumo de óleo diesel cresceu 12,7%, enquanto o biodiesel, que é adicionado ao diesel mineral segundo Resolução nº 2 do CNPE, apresentou crescimento de 87,8% no trimestre, cabendo destacar, no entanto, a desigualdade entre os volumes envolvidos, respectivamente de 12,2 milhões de m³ e de 608,6 mil m³. Vale mencionar o crescimento de 24,7% na produção de bagaço de cana no trimestre e de 2,2% no acumulado de 12 meses.

Do lado da oferta, houve expansão de 6,7% na produção doméstica de petróleo, atingindo 29,9 milhões de m³ no trimestre. As exportações cresceram à taxa elevada de 37,3%. No entanto houve uma leve retração no refino do petróleo (-0,1%), com o processamento de 25,5 milhões de m³ de carga em refinarias. Com relação aos derivados do petróleo, cabe destaque para a produção de querosene de aviação, que atingiu 1,1 milhão de m³ no trimestre, com 5,8% de crescimento e a produção de óleo combustível, que alcançou 3,7 milhões de m³ no trimestre e crescimento de 14,1%.

Quanto à movimentação de gás natural no país, no segundo trimestre de 2010, o volume médio diário foi de 90,4 milhões de m³, dos quais 68,7% ou 62,1 milhões de m³ foram extraídos no país e o restante foi importado da Bolívia (28,3 milhões de m³). O total diário ofertado ao mercado foi de 54,6 milhões de m³, superando em 18,8% os valores registrados no mesmo trimestre de 2009. A oferta de gás nacional cresceu 24,1% atingindo o patamar de 26,3 milhões de m³/dia em 2010.

1 ENERGIA ELÉTRICA

1.1 Consumo

O consumo nacional de energia elétrica atendido através da rede apresentou expansão de 10,2% no segundo trimestre de 2010, relativamente ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se o resultado anualizado (12 meses findos em junho/2010), o crescimento foi de 5,0% (Tabela 3).

Os resultados verificados nesse trimestre indicam a manutenção da recuperação do consumo industrial e de crescimentos em patamar elevado do consumo das classes residencial e comercial.

Tabela 3- Brasil: consumo de energia elétrica atendido pela rede

	II Trimestre					12 meses findos em junho				
	GWh		Δ%	Estrutura (%)		GWh		Δ%	Estrutura (%)	
	2009	2010		2009	2010	2009	2010		2009	2010
Consumo total - Regiões Geográficas										
Norte	5.836	6.418	10,0	6,2	6,1	23.948	25.099	4,8	6,2	6,2
Nordeste	15.620	17.701	13,3	16,5	16,9	64.453	68.897	6,9	16,6	16,9
Sudeste	50.685	56.276	11,0	53,4	53,9	208.551	218.481	4,8	53,8	53,6
Sul	16.502	17.587	6,6	17,4	16,8	66.505	69.346	4,3	17,1	17,0
Centro-Oeste	6.190	6.510	5,2	6,5	6,2	24.421	25.598	4,8	6,3	6,3
Consumo total - Subistemas Elétricos										
Sistemas Isolados	2.022	1.702	-15,8	2,1	1,6	8.326	7.387	-11,3	2,1	1,8
Norte	6.440	6.949	7,9	6,8	6,7	26.603	27.405	3,0	6,9	6,7
Nordeste	13.015	14.849	14,1	13,7	14,2	53.592	57.647	7,6	13,8	14,1
Sudeste/CO	56.854	63.404	11,5	60,0	60,7	232.852	245.636	5,5	60,0	60,3
Sul	16.502	17.587	6,6	17,4	16,8	66.505	69.346	4,3	17,1	17,0
Consumo por classe										
Residencial	24.570	26.509	7,9	25,9	25,4	97.463	104.794	7,5	25,1	25,7
Industrial	40.522	46.351	14,4	42,7	44,4	170.290	177.063	4,0	43,9	43,5
Comercial	15.965	17.091	7,1	16,8	16,4	63.500	67.745	6,7	16,4	16,6
Outros	13.776	14.541	5,5	14,5	13,9	56.624	57.818	2,1	14,6	14,2
Total	94.833	104.491	10,2	100,0	100,0	387.878	407.420	5,0	100,0	100,0

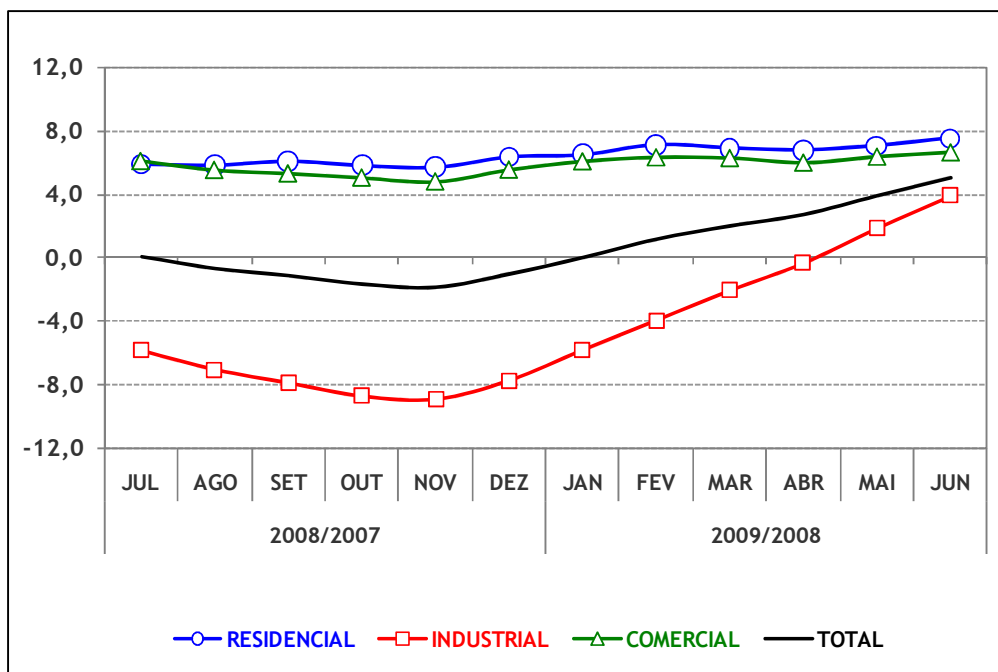
Fonte: EPE

O consumo industrial revelou elevada taxa de crescimento (14,4%) em função da retomada do setor industrial e da baixa base de comparação devido ao efeito da crise internacional que se estendeu até o final do primeiro semestre de 2009.

O consumo residencial e o consumo comercial mantiveram forte expansão (respectivamente de 7,9% e de 7,1%), em grande parte em virtude do aumento da renda e de condições favoráveis de crédito, além, no caso do setor comercial, da instalação e ampliação de pontos comerciais com alto padrão de consumo.

O Gráfico 1 apresenta as taxas de crescimento em 12 meses do consumo de energia elétrica, que bem ilustram a recuperação do consumo industrial e a manutenção em patamar elevado do crescimento das classes residencial e comercial.

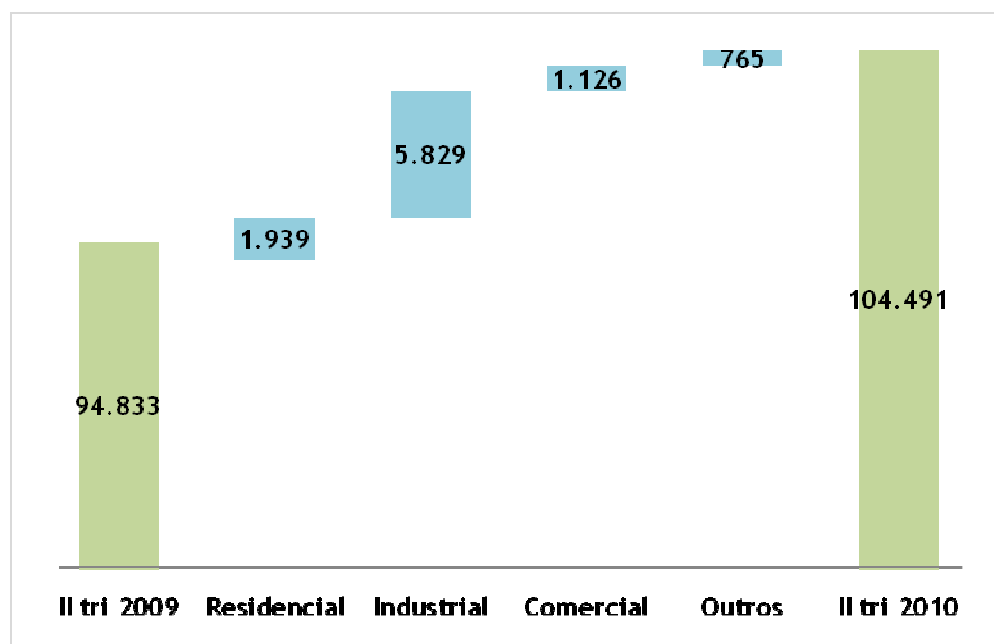
Gráfico 1 - Brasil: consumo de energia elétrica atendido pela rede - taxas de crescimento em 12 meses (%)



Fonte: EPE

O Gráfico 2 apresenta a participação de cada classe de consumo para a composição do consumo final no segundo trimestre de 2010, mostrando o incremento de consumo a partir do mesmo trimestre de 2009. Pelo segundo trimestre consecutivo, a maior contribuição veio da classe industrial (5.829 GWh), seguida da residencial, com acréscimo absoluto de 1.939 GWh.

Gráfico 2 - Brasil: contribuição por classe na composição do consumo no II trimestre (GWh)



Fonte: EPE.

Na Tabela 4 são apresentados os resultados do mercado por segmento de consumidores (cativos e livres). O consumo cativo, que já havia apresentado variação positiva nos trimestres anteriores (1,9% no primeiro trimestre de 2009, 1,7% no segundo, 0,7% no terceiro, 3,9% no quarto, 7,2% no primeiro trimestre de 2010), manteve expansão significativa no segundo trimestre com taxa de 6,8% ante o mesmo período de 2009.

A parcela do mercado relativa ao consumo livre (não cativo), predominantemente composta por unidades com produção voltada para o mercado externo, manteve, pelo segundo trimestre consecutivo, taxa positiva de crescimento (-15,9% no primeiro trimestre de 2009, -12,9% no segundo, -9,1% no terceiro, -0,9% no quarto, 17,8% no primeiro trimestre de 2010 e 21,0% no segundo), demonstrando de forma inequívoca a recuperação do setor industrial.

Tabela 4 - Brasil: consumo de energia elétrica atendido pela rede por segmento de mercado

	II Trimestre					12 meses findos em junho				
	GWh		Δ%	Estrutura (%)		GWh		Δ%	Estrutura (%)	
	2009	2010		2009	2010	2009	2010		2009	2010
Consumo total - Regiões Geográficas										
Cativo	72.152	77.057	6,8	76,1	73,7	291.808	305.455	4,7	75,2	75,0
Não cativo	22.681	27.435	21,0	23,9	26,3	96.070	101.965	6,1	24,8	25,0
Total	94.833	104.491	10,2	100,0	100,0	387.878	407.420	5,0	100,0	100,0

Fonte: EPE

A evolução do consumo total por unidade federativa pode ser verificada na Tabela 5.

Tabela 5 - Brasil: consumo total por região e UF - II Trimestre de 2010

Região/UF	GWh		Δ%	Estrutura %	
	2009	2010		2009	2010
Norte	5.836	6.418	10,0	100,0	100,0
AC	149	169	13,2	2,6	2,6
RO	460	543	17,9	7,9	8,5
RR	122	133	8,8	2,1	2,1
AP	166	192	15,5	2,8	3,0
AM	1.032	1.202	16,5	17,7	18,7
PA	3.611	3.815	5,7	61,9	59,4
TO	296	364	23,1	5,1	5,7
Nordeste	15.620	17.701	13,3	100,0	100,0
MA	2.603	2.848	9,4	16,7	16,1
PI	436	541	24,1	2,8	3,1
CE	1.845	2.189	18,6	11,8	12,4
AL	932	1.042	11,8	6,0	5,9
PE	2.486	2.728	9,8	15,9	15,4
SE	749	812	8,4	4,8	4,6
PB	904	1.033	14,3	5,8	5,8
BA	4.695	5.369	14,3	30,1	30,3
RN	971	1.139	17,3	6,2	6,4
Sudeste	50.685	56.276	11,0	100,0	100,0
ES	1.828	2.324	27,2	3,6	4,1
RJ	7.978	8.773	10,0	15,7	15,6
MG	11.810	13.648	15,6	23,3	24,3
SP	29.069	31.531	8,5	57,4	56,0
Sul	16.502	17.587	6,6	105,6	2,1
PR	5.897	6.298	6,8	37,8	0,7
SC	4.260	4.600	8,0	27,3	0,5
RS	6.345	6.689	5,4	40,6	0,8
Centro-Oeste	6.190	6.510	5,2	100,0	100,0
GO	2.547	2.680	5,2	41,1	41,2
MT	1.366	1.445	5,8	22,1	22,2
MS	980	992	1,2	15,8	15,2
DF	1.297	1.394	7,4	21,0	21,4
Brasil	94.833	104.491	10,2	100,0	100,0

Fonte: EPE

1.1.1 Consumo industrial

O consumo industrial atingiu 46.351 GWh no segundo trimestre de 2010, variando 14,4% em relação ao registrado no mesmo período de 2009, dando sequência à recuperação iniciada no segundo semestre de 2009. Os crescimentos mais expressivos foram observados nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste (Tabela 6). Em nível nacional, o consumo industrial já superou os

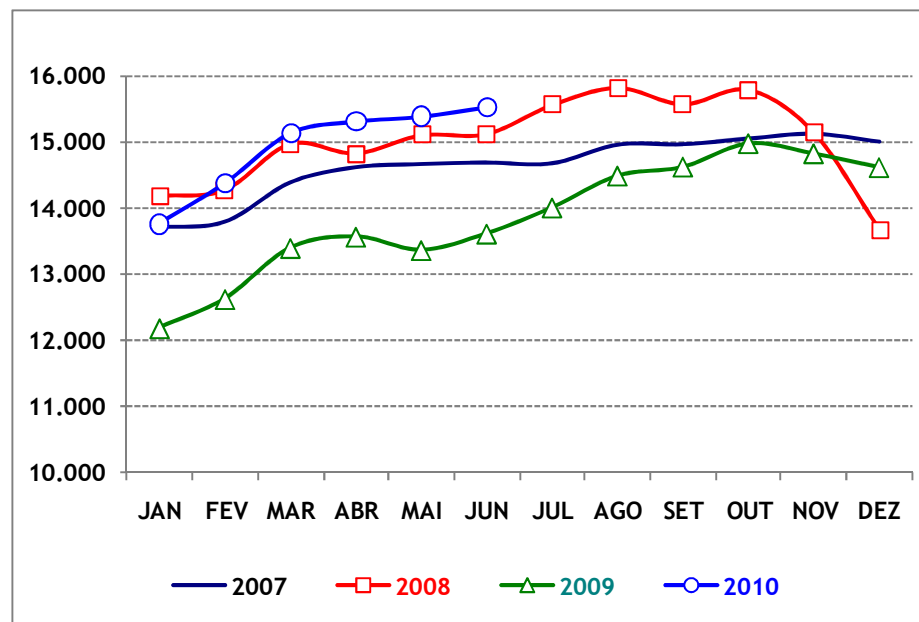
patamares de 2008, portanto anteriores à crise, em todos os meses do trimestre, conforme pode ser verificado no Gráfico 3.

Tabela 6 - Brasil: consumo industrial

	II Trimestre					12 meses findos em junho				
	GWh		Δ%	Estrutura (%)		GWh		Δ%	Estrutura (%)	
	2009	2010		2009	2010	2009	2010		2009	2010
Regiões Geográficas										
Norte	3.068	3.220	5,0	7,6	6,9	12.587	12.711	1,0	7,4	7,2
Nordeste	6.624	7.342	10,8	16,3	15,8	28.124	28.817	2,5	16,5	16,3
Sudeste	22.250	26.293	18,2	54,9	56,7	94.754	99.034	4,5	55,6	55,9
Sul	6.978	7.845	12,4	17,2	16,9	28.529	29.891	4,8	16,8	16,9
Centro-Oeste	1.602	1.651	3,0	4,0	3,6	6.297	6.611	5,0	3,7	3,7
Subsistemas Elétricos										
Sistemas Isolados	462	446	-3,4	1,1	1,0	2.007	1.820	-9,3	1,2	1,0
Norte	4.499	4.606	2,4	11,1	9,9	18.439	18.359	-0,4	10,8	10,4
Nordeste	4.734	5.410	14,3	11,7	11,7	20.288	21.111	4,1	11,9	11,9
Sudeste/CO	23.849	28.043	17,6	58,9	60,5	101.027	105.882	4,8	59,3	59,8
Sul	6.978	7.845	12,4	17,2	16,9	28.529	29.891	4,8	16,8	16,9
Total	40.522	46.351	14,4	100,0	100,0	170.290	177.063	4,0	100,0	100,0

Fonte: EPE

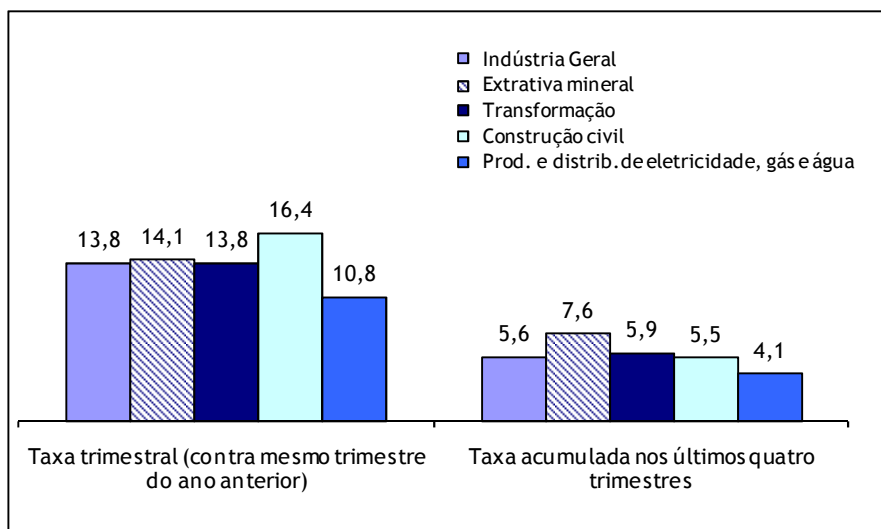
Gráfico 3 - Brasil: consumo industrial (GWh)



Fonte: EPE

A abertura do resultado do PIB industrial mostra significativos avanços em todos os segmentos no segundo trimestre, em particular na construção civil (16,4%), beneficiada pelas condições favoráveis de crédito e pelo mercado de trabalho aquecido (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Brasil: variação do PIB industrial (%)



Nota Nota: Variação do PIB industrial do 2º trimestre de 2010 em relação ao mesmo período de 2009.

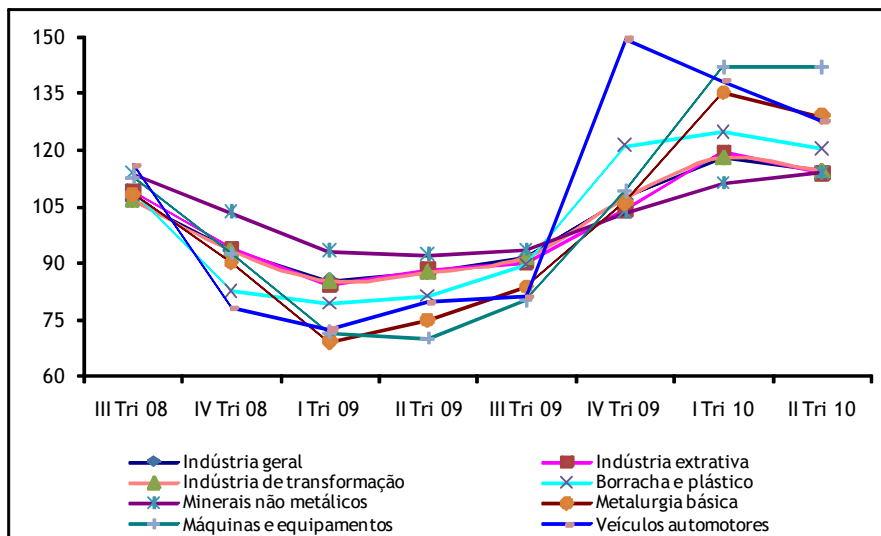
Fonte: IBGE. Elaboração: EPE.

Com o resultado do segundo trimestre, as taxas acumuladas nos últimos quatro trimestres indicam crescimento anualizado acima de 5% na indústria (com exceção do segmento de produção e distribuição de eletricidade, gás e água), reforçando a análise de recuperação do setor após a crise de fim de 2008 e início de 2009. No entanto, após um expressivo crescimento a partir de meados do terceiro trimestre de 2009, os dois trimestres de 2010 apresentaram uma moderada retração em relação ao último trimestre de 2009, devido a menor atividade industrial.

A redução ao longo dos meses do segundo trimestre de 2010 foi observada em vários setores da indústria, notadamente no que se refere à produção física, como pode se ver no Gráfico 5. No período houve, em muitos segmentos, uma redução ou estabilidade dos níveis de produção. Na indústria de transformação, o setor que apresentou a maior queda foi o automobilístico, que após a retirada da isenção do IPI³ teve uma redução expressiva de suas vendas, afetando, por conseguinte, a produção.

³ A isenção do IPI na compra de automóveis foi uma política de incentivo ao consumo, feita pelo governo no auge da crise internacional, para estimular a economia.

Gráfico 5 - Brasil: produção física industrial (índice)

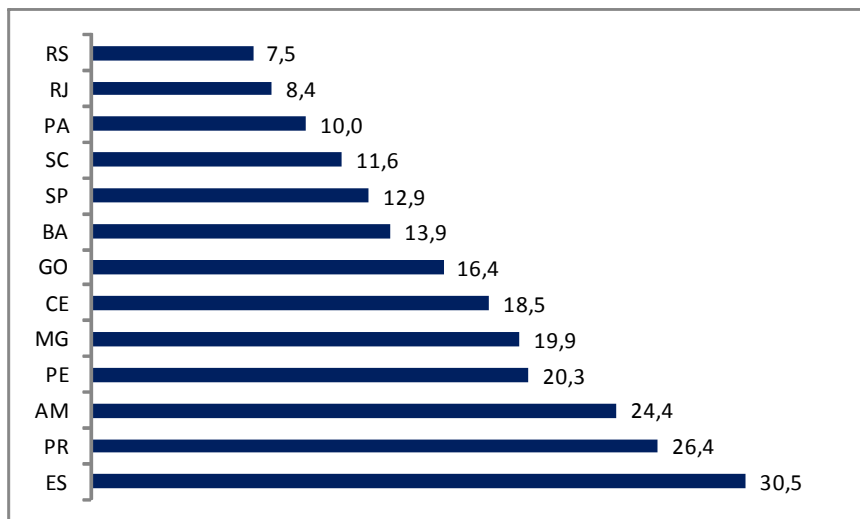


Nota: Base - igual mês do ano anterior = 100

Fonte: IBGE. Elaboração: EPE.

Em termos regionais, o desempenho da produção física no segundo trimestre de 2010, quando comparado com mesmo período do ano anterior, foi mais significativo nos estados mais afetados pela crise internacional, em particular aqueles em que o perfil do segmento é mais exportador. Isso explica o fato de o Espírito Santo liderar a recuperação neste trimestre, visto que seu parque industrial é composto por empresas do setor de siderurgia e de mineração, setores fortemente impactados pela crise.

Gráfico 6 - Produção física por unidade da federação: variação (%)



Nota: Variação da produção física industrial do 2º trimestre de 2010 em relação ao mesmo período de 2009.

Índice de base fixa mensal sem ajuste sazonal (Base: média de 2002 = 100)

Fonte: IBGE. Elaboração: EPE

No que se refere ao consumo de energia elétrica, a região Sudeste, que concentrou 56,7 % do consumo industrial em nível nacional no segundo trimestre, também foi a que mais cresceu (18,2%) na comparação com o mesmo período de 2009, especialmente em função da retomada da produção dos setores da cadeia metalúrgica e extrativa mineral. Concentrando grande

parte dessas indústrias, Espírito Santo e Minas Gerais continuaram apresentando crescimentos expressivos, respectivamente 54,2% e 21,2%.

A região Sul apresentou o segundo maior crescimento percentual (12,4%), com expansão generalizada em todos os estados. Pode-se destacar o desempenho dos setores de máquinas e equipamentos e o de veículos automotores.

Na região Nordeste, houve expansão de 10,8% no consumo industrial. Destaca-se a Bahia, com a concentração de 35,2% do consumo industrial nordestino e crescimento acima da média regional (15,3%). Os melhores desempenhos foram os do setor de refino de petróleo e produção de álcool e o de alimentos e bebidas.

A evolução do consumo industrial por unidade da federação pode ser verificada na Tabela 7.

Tabela 7 - Brasil: consumo industrial por região e UF - II Trimestre de 2010

Região/UF	GWh		Δ%	Estrutura %	
	2009	2010		2009	2010
Norte	3.068	3.220	5,0	100,0	100,0
AC	8	9	14,7	0,3	0,3
RO	75	101	34,3	2,4	3,1
RR	4	4	1,9	0,1	0,1
AP	9	8	-8,5	0,3	0,3
AM	356	417	17,2	11,6	12,9
PA	2.577	2.629	2,0	84,0	81,6
TO	39	52	33,6	1,3	1,6
Nordeste	6.624	7.342	10,8	100,0	100,0
MA	1.890	1.932	2,2	28,5	26,3
PI	50	60	20,5	0,8	0,8
CE	486	554	13,9	7,3	7,5
AL	438	508	15,9	6,6	6,9
PE	618	703	13,8	9,3	9,6
SE	330	356	7,7	5,0	4,8
PB	302	333	10,0	4,6	4,5
BA	2.240	2.584	15,3	33,8	35,2
RN	271	314	16,1	4,1	4,3
Sudeste	22.250	26.293	18,2	100,0	100,0
ES	755	1.164	54,2	3,4	4,4
RJ	1.899	2.378	25,2	8,5	9,0
MG	7.183	8.705	21,2	32,3	33,1
SP	12.413	14.047	13,2	55,8	53,4
Sul	6.978	7.845	12,4	105,3	1,2
PR	2.431	2.688	10,6	36,7	0,4
SC	1.976	2.238	13,2	29,8	0,3
RS	2.571	2.919	13,5	38,8	0,4
Centro-Oeste	1.602	1.651	3,0	100,0	100,0
GO	788	814	3,3	49,2	49,3
MT	412	423	2,7	25,7	25,6
MS	265	257	-3,1	16,6	15,6
DF	137	157	14,1	8,6	9,5
Brasil	40.522	46.351	14,4	100,0	100,0

Fonte: EPE

1.1.2 Consumo comercial

O consumo comercial alcançou o montante de 17.091 GWh no segundo trimestre de 2010, com variação de 7,1% em relação ao registrado no mesmo período de 2009. Os crescimentos mais expressivos foram verificados nas regiões Norte (16,7%) e Nordeste (12,6%), acima da média nacional (Tabela 8). No acumulado de 12 meses findos em junho, o crescimento em nível

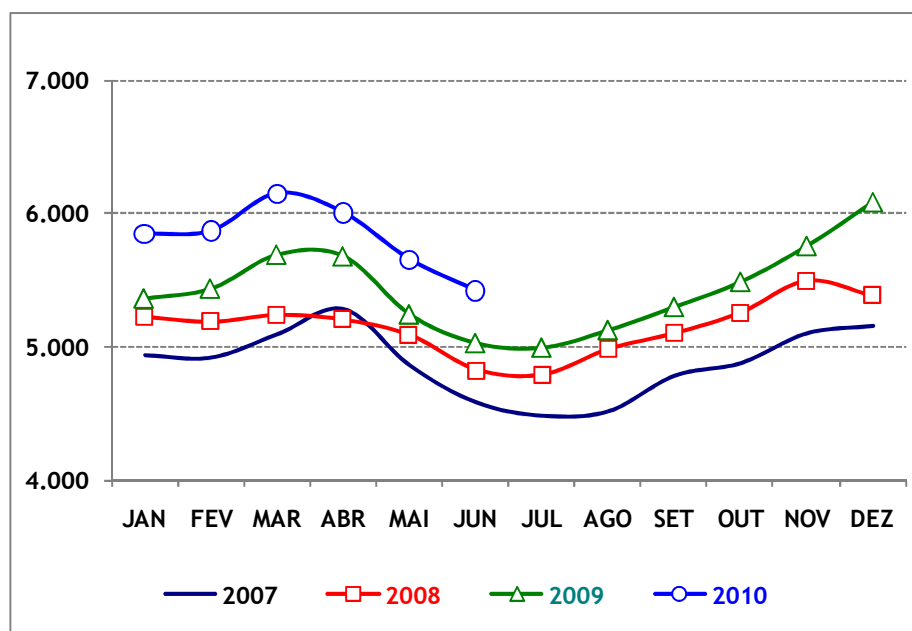
nacional foi de 6,7%. O comportamento do consumo comercial no período 2007 a 2010, em bases mensais, pode ser verificado no Gráfico 7.

Tabela 8 - Consumo comercial

	II Trimestre					12 meses findos em junho				
	GWh		Δ%	Estrutura (%)		GWh		Δ%	Estrutura (%)	
	2009	2010		2009	2010	2009	2010		2009	2010
Regiões Geográficas										
Norte	742	866	16,7	4,6	5,1	3.044	3.348	10,0	4,8	4,9
Nordeste	2.287	2.575	12,6	14,3	15,1	9.111	9.977	9,5	14,3	14,7
Sudeste	8.879	9.412	6,0	55,6	55,1	35.505	37.609	5,9	55,9	55,5
Sul	2.760	2.867	3,9	17,3	16,8	10.811	11.471	6,1	17,0	16,9
Centro-Oeste	1.296	1.370	5,7	8,1	8,0	5.029	5.341	6,2	7,9	7,9
Subsistemas Elétricos										
Sistemas Isolados	414	337	-18,6	2,6	2,0	1.669	1.484	-11,0	2,6	2,2
Norte	494	593	20,0	3,1	3,5	2.089	2.290	9,6	3,3	3,4
Nordeste	2.125	2.373	11,7	13,3	13,9	8.420	9.199	9,2	13,3	13,6
Sudeste/CO	10.172	10.921	7,4	63,7	63,9	40.511	43.301	6,9	63,8	63,9
Sul	2.760	2.867	3,9	17,3	16,8	10.811	11.471	6,1	17,0	16,9
Total	15.965	17.091	7,1	100,0	100,0	63.500	67.745	6,7	100,0	100,0

Fonte: EPE

Gráfico 7 - Brasil: consumo comercial (GWh)



Fonte: EPE

Vários fatores contribuíram para o incremento do consumo comercial, entre eles o aumento do rendimento real da população, a ampliação das operações de crédito e a redução das taxas

de desemprego, o que impulsionam o consumo das famílias, mantendo aquecidas as atividades do comércio e de serviços.

Os crescimentos mais elevados foram observados nas regiões Norte e Nordeste, que apresentaram taxas de 16,7% e 12,6%, respectivamente. Na região Norte, destacaram-se pela expansão os estados do Tocantins (23,0%) e Amapá (20,3%). O Amazonas e Pará, que juntos concentram 65,0% do consumo regional, expandiram na casa dos 16,0%. No Nordeste, os estados que mais cresceram foram o Maranhão (25,0%), Piauí (23,9%) e Ceará (18,2%).

A evolução do consumo comercial por unidade da federação pode ser verificada na Tabela 9.

Tabela 9 - Brasil: consumo comercial por região e UF - II Trimestre de 2010

Região/UF	GWh		Δ%	Estrutura %	
	2009	2010		2009	2010
<i>Norte</i>	742	866	16,7	100,0	100,0
AC	31	35	12,4	4,2	4,1
RO	103	119	16,1	13,8	13,8
RR	26	29	10,8	3,5	3,4
AP	37	44	20,3	4,9	5,1
AM	202	236	16,4	27,3	27,2
PA	282	327	16,3	37,9	37,8
TO	61	75	23,0	8,2	8,7
<i>Nordeste</i>	2.287	2.575	12,6	100,0	100,0
MA	160	200	25,0	7,0	7,8
PI	91	113	23,9	4,0	4,4
CE	360	425	18,2	15,7	16,5
AL	123	140	13,7	5,4	5,4
PE	484	511	5,7	21,2	19,9
SE	106	113	7,3	4,6	4,4
PB	141	165	16,8	6,2	6,4
BA	632	690	9,2	27,6	26,8
RN	191	218	14,2	8,3	8,5
<i>Sudeste</i>	8.879	9.412	6,0	100,0	100,0
ES	322	355	10,3	3,6	3,8
RJ	1.996	2.090	4,7	22,5	22,2
MG	1.245	1.311	5,3	14,0	13,9
SP	5.316	5.657	6,4	59,9	60,1
<i>Sul</i>	2.760	2.867	3,9	120,7	1,3
PR	1.062	1.102	3,8	46,4	0,5
SC	683	716	4,8	29,9	0,3
RS	1.015	1.048	3,3	44,4	0,5
<i>Centro-Oeste</i>	1.296	1.370	5,7	100,0	100,0
GO	454	473	4,3	35,0	34,5
MT	272	287	5,6	20,9	20,9
MS	186	198	6,2	14,4	14,4
DF	385	413	7,2	29,7	30,1
Brasil	15.965	17.091	7,1	100,0	100,0

Fonte: EPE

1.1.3 Consumo residencial

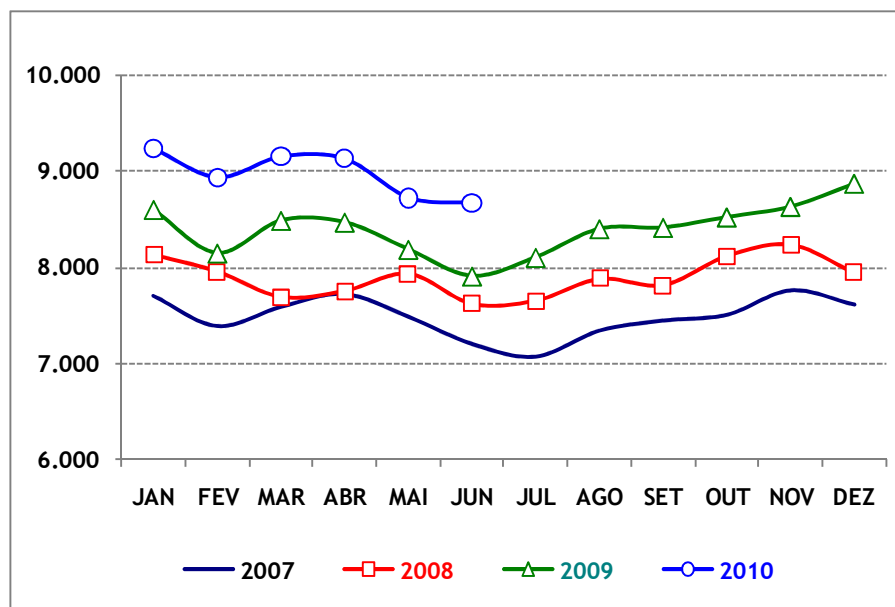
O consumo residencial continuou em forte expansão em todas as regiões do país, registrando acréscimo de 7,9% no agregado nacional, na comparação do segundo trimestre de 2010 com o mesmo período de 2009 (Tabela 10). No acumulado de 12 meses findos em junho, o crescimento em nível nacional foi de 7,5%. O histórico do consumo residencial pode ser verificado no Gráfico 8.

Tabela 10 - Brasil: Consumo residencial

	II Trimestre					12 meses findos em junho				
	GWh		Δ%	Estrutura (%)		GWh		Δ%	Estrutura (%)	
	2009	2010		2009	2010	2009	2010		2009	2010
Regiões Geográficas										
Norte	1.231	1.463	18,8	5,0	5,5	5.095	5.627	10,5	5,2	5,4
Nordeste	4.185	4.878	16,6	17,0	18,4	16.333	18.452	13,0	16,8	17,6
Sudeste	13.304	14.002	5,2	54,1	52,8	52.824	56.007	6,0	54,2	53,4
Sul	3.988	4.164	4,4	16,2	15,7	15.829	16.859	6,5	16,2	16,1
Centro-Oeste	1.861	2.002	7,6	7,6	7,6	7.383	7.849	6,3	7,6	7,5
Subsistemas Elétricos										
Sistemas Isolados	683	551	-19,3	2,8	2,1	2.793	2.472	-11,5	2,9	2,4
Norte	920	1.152	25,2	3,7	4,3	3.878	4.377	12,9	4,0	4,2
Nordeste	3.820	4.403	15,2	15,5	16,6	14.800	16.631	12,4	15,2	15,9
Sudeste/CO	15.157	16.239	7,1	61,7	61,3	60.164	64.455	7,1	61,7	61,5
Sul	3.988	4.164	4,4	16,2	15,7	15.829	16.859	6,5	16,2	16,1
Total	24.570	26.509	7,9	100,0	100,0	97.463	104.794	7,5	100,0	100,0

Fonte: EPE

Gráfico 8 - Brasil: consumo residencial (GWh)



Fonte: EPE

O bom desempenho do consumo residencial no país justifica-se, principalmente, pelo aquecimento do mercado de trabalho, com aumento da renda disponível e também da farta oferta de crédito. Além disso, destaca-se a contribuição de programas sociais do governo, como o Programa Luz para Todos, que ampliou o número de consumidores, e o Bolsa Família.

A análise regional demonstra que, mais uma vez, o Nordeste manteve a segunda posição em consumo residencial de energia elétrica no País, o que se verificou a partir do último trimestre de 2008, em substituição à posição que era tradicionalmente ocupada pela região Sul. Quanto à expansão no período, destacam-se as regiões Norte (18,8%) e Nordeste (16,6%). No que se refere ao crescimento do acumulado em 12 meses, a região Nordeste obteve a liderança, com 13,0% de aumento. Na região Norte, os maiores crescimentos ficaram por conta de Tocantins (23,2%) e do Pará (21,0%). No Nordeste, destacaram-se os estados do Maranhão (30,5%) e do Piauí (30,1%). A Bahia e Pernambuco, que juntos concentram quase a metade do consumo comercial regional (46,5% no trimestre), aumentaram 15,7% e 8,9%, respectivamente.

No que se refere à base de consumidores, a efetividade do Programa Luz para Todos contribuiu para o ritmo acelerado de ligações. O Norte apresentou crescimento de 5,0% na base de consumidores e o Nordeste 5,9%. Quanto ao consumo médio, também destacam-se os crescimentos verificados nas regiões Norte e Nordeste, respectivamente de 13,1% e 10,1%. A Tabela 11 apresenta a evolução do número de unidades consumidoras e respectivos consumos médios.

Tabela 11 - Classe residencial: número de unidades consumidoras (mil) e consumo médio (kWh/mês)

	Unidades consumidoras - junho				Consumo médio					
	Nº		Acréscimo		II Trimestre			12 meses		
	2009	2010	%	absoluto	2009	2010	Δ%	2009	2010	Δ%
Regiões Geográficas										
Norte	2.923	3.069	5,0	146	141	160	13,1	145	153	5,2
Nordeste	14.018	14.840	5,9	822	100	110	10,1	97	104	6,7
Sudeste	26.257	26.903	2,5	646	169	174	2,9	168	173	3,5
Sul	7.820	8.051	3,0	232	170	173	1,5	169	174	3,4
Centro-Oeste	3.913	4.060	3,7	146	159	165	3,7	157	161	2,5
Subsistemas Elétricos										
S Isolados	1.380	1.007	-27,0	-373	165	183	10,3	169	205	21,3
Norte	2.988	3.199	7,1	211	104	121	16,4	108	114	5,4
Nordeste	12.589	13.297	5,6	708	102	111	9,2	98	104	6,4
Sudeste/CO	30.155	31.369	4,0	1.213	168	173	3,1	166	171	3,0
Sul	7.820	8.051	3,0	232	170	173	1,5	169	174	3,4
Brasil	54.932	56.924	3,6	1.992	149	156	4,2	148	153	3,8

Nota: consumo médio residencial no trimestre calculado a partir da média dos valores mensais no período

Fonte: EPE

A evolução do consumo residencial por unidade da federação pode ser verificada na Tabela 12.

Tabela 12 - Brasil: consumo residencial por região e UF - II Trimestre de 2010

Região/UF	GWh		Δ%	Estrutura %	
	2009	2010		2009	2010
Norte	1.231	1.463	18,8	100,0	100,0
AC	65	76	17,0	5,2	5,2
RO	164	194	18,5	13,3	13,3
RR	58	65	11,1	4,7	4,4
AP	80	95	19,1	6,5	6,5
AM	275	318	15,5	22,4	21,7
PA	481	582	21,0	39,1	39,8
TO	108	133	23,2	8,8	9,1
Nordeste	4.185	4.878	16,6	100,0	100,0
MA	364	475	30,5	8,7	9,7
PI	184	240	30,1	4,4	4,9
CE	626	745	19,1	15,0	15,3
AL	219	241	10,0	5,2	4,9
PE	890	969	8,9	21,3	19,9
SE	185	207	12,0	4,4	4,2
PB	275	323	17,2	6,6	6,6
BA	1.121	1.297	15,7	26,8	26,6
RN	320	381	18,9	7,7	7,8
Sudeste	13.304	14.002	5,2	100,0	100,0
ES	436	479	9,9	3,3	3,4
RJ	2.716	2.890	6,4	20,4	20,6
MG	2.053	2.144	4,5	15,4	15,3
SP	8.099	8.489	4,8	60,9	60,6
Sul	3.988	4.164	4,4	100,0	100,0
PR	1.413	1.489	5,4	35,4	35,7
SC	1.021	1.064	4,2	25,6	25,5
RS	1.554	1.612	3,7	39,0	38,7
Centro-Oeste	1.861	2.002	7,6	100,0	100,0
GO	725	809	11,6	39,0	40,4
MT	384	414	7,8	20,7	20,7
MS	286	297	3,7	15,4	14,8
DF	465	481	3,5	25,0	24,1
Brasil	24.570	26.509	7,9	100,0	100,0

Fonte: EPE

1.2 Geração

A geração do sistema elétrico nacional, no segundo trimestre de 2010, apresentou o montante de 118.219 GWh, 7,3% acima do total gerado no mesmo período de 2009 (Tabela 13). A expansão se deve ao Sistema Interligado Nacional (SIN), que apresentou aumento de 8,0%, considerando a mesma base de comparação. Já nos sistemas isolados houve uma retração de 14,1%, porque a geração de PCH na área de concessão da CERON (Rondônia) passou a integrar o Sistema Interligado, a partir da interligação do Sistema Porto Velho-Rio Branco. Este fato também está refletido na redução da geração hidráulica dos Sistemas Isolados (-65,6%).

O elevado nível dos reservatórios das usinas hidrelétricas influenciou no crescimento de 7,0% da geração hidráulica no SIN. No que se refere à geração térmica, houve expansão tanto no SIN (14,7%) quanto nos Sistemas Isolados (13,6%).

A geração termonuclear do SIN apresentou uma expansão expressiva de 19,2%, embora Angra II tenha ficado parada entre 27/04 e 05/05. Esse fato não afetou o crescimento do trimestre porque, em 2009, Angra I, que havia sido desligada em janeiro para manutenção programada, voltou a operar somente no início de junho.

Cabe destaque para o crescimento da geração de energia eólica (195,3%), devido a condições mais favoráveis de vento e ao acréscimo de potência, verificado pelo incentivo governamental para produção de energia baseada em fontes renováveis.

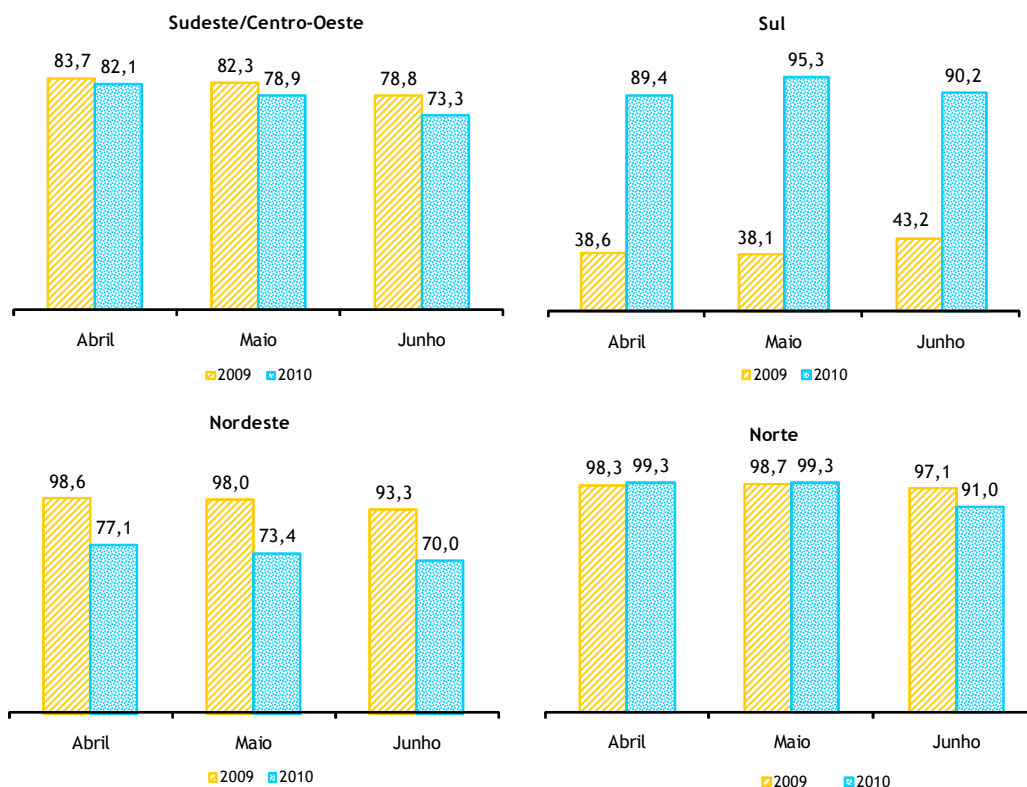
Tabela 13 - Brasil: geração de energia elétrica

Fontes	II Trimestre				Δ %
	2009		2010		
	GWh	%	GWh	%	
Hidráulica	99.125	90,0	105.277	89,1	6,2
SIN	98.032	89,0	104.901	88,7	7,0
Sistemas Isolados	1.093	1,0	376	0,3	-65,6
Térmica	7.712	7,0	8.822	7,5	14,4
SIN	5.679	5,2	6.513	5,5	14,7
Sistemas Isolados	2.033	1,8	2.309	2,0	13,6
Nuclear (SIN)	3.214	2,9	3.830	3,2	19,2
Eólica (SIN)	98	0,1	290	0,2	195,3
Total	110.149	100,0	118.219	100,0	7,3
SIN	107.024	97,2	115.534	97,7	8,0
Sistemas Isolados	3.126	2,8	2.684	2,3	-14,1

Fonte: ONS (SIN) e Eletrobrás (Sistemas Isolados); Elaboração: EPE.

No que se refere à energia armazenada, cabe destaque para o subsistema Sul, onde superou de forma muito expressiva a registrada em 2009, em todos os meses, conforme apresentado no Gráfico 9.

Gráfico 9 - SIN: energia armazenada (em percentual do volume máximo)

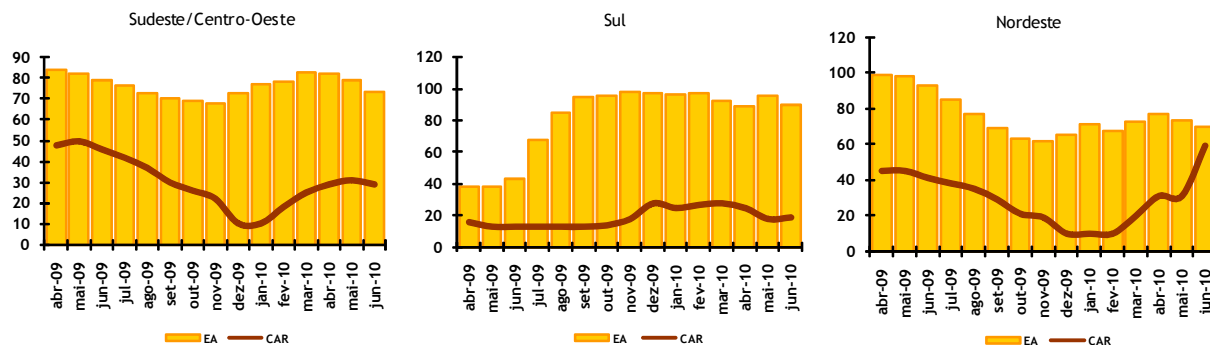


Fonte: ONS; Elaboração: EPE.

A Curva Bianual de Segurança ou Curva de Aversão ao Risco (CAR) é disponibilizada pelo ONS e representa a evolução dos requisitos mínimos de armazenamento de energia de um subsistema, necessários ao atendimento pleno da carga. Esses requisitos mínimos levam em consideração algumas hipóteses pré-definidas de aflúncias, intercâmbios inter-regionais e carga e de geração térmica, visando a garantir níveis mínimos de operação ao longo do período. Assim, para garantir o atendimento do mercado e assegurar a capacidade de recuperação dos reservatórios, os níveis de armazenamento do reservatório de uma determinada região devem ser mantidos sempre acima da Curva de Aversão ao Risco.

O Gráfico 10 demonstra que, no segundo trimestre de 2010, a energia armazenada situou-se em níveis bastante superiores ao mínimo definido pela CAR.

Gráfico 10 - SIN: Curva de Aversão ao Risco (CAR) e Energia Armazenada (EA) - %



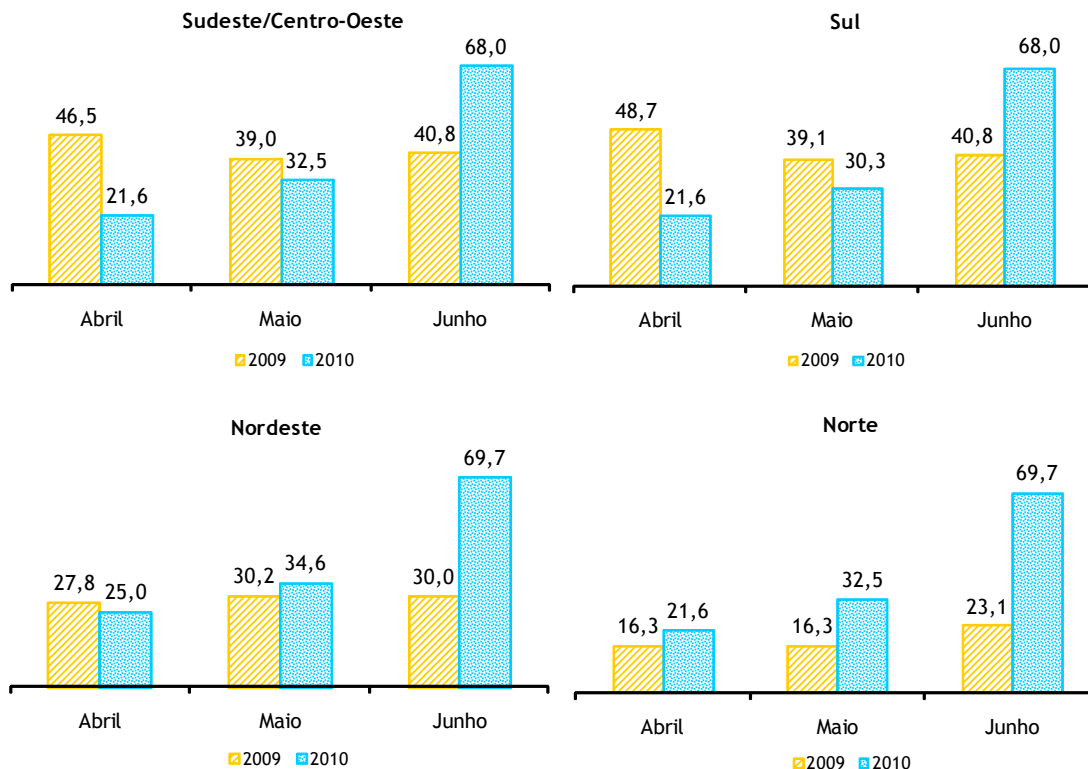
Nota: Valores da CAR de abril a novembro de 2009 - Biênio 2009/2010; de dezembro de 2009 a junho de 2010 - Biênio 2010/2011, com Revisão Nordeste.

Fonte: ONS; Elaboração: EPE.

Os Preços de Liquidação das Diferenças (PLD), divulgados pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), são utilizados para valorar a compra e a venda de energia no mercado de curto prazo, com base em informações fornecidas pelo Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS). Essas informações consideram dados como disponibilidade de usinas, volume dos reservatórios, restrições de segurança do sistema e previsão de afluência.

Verifica-se que em nenhum submercado foi contabilizado o valor mínimo de R\$ 16,31 determinado pela ANEEL e, no mês de junho de 2010, todos os valores ficaram acima dos registrados em 2009, devido às baixas afluências verificadas no período.

Gráfico 11 - SIN: Preço de Liquidação das Diferenças (PLD) - (R\$/MWh)



Fonte: CCEE; Elaboração: EPE.

1.3 Leilões

No segundo trimestre de 2010 foi realizado o leilão da Usina Hidrelétrica de Belo Monte (UHE Belo Monte), localizado no rio Xingu, no estado do Pará. A licitação foi postergada por algumas vezes e ocorreu efetivamente no dia 20/04/2010. A energia negociada no certame foi de 794.925,1 GWh correspondendo a 3.200 MW médios, num valor total de R\$ 61,98 bilhões. O preço de venda final foi de R\$ 77,97 /MWh, representando um deságio de 6,02% em relação ao preço-teto inicial de R\$ 83,00/MWh. O grupo vencedor do leilão, Consórcio Norte Energia, é formado pela Companhia Hidro Elétrica do São Francisco, Construtora Queiroz Galvão S/A, Galvão Engenharia S/A, Mendes Junior Trading Engenharia, Serveng-Civilsan S/A, J Malucelli Construtora de Obras S/A, Contern Construções e Comércio Ltda, Cetenco Engenharia S/A e Gaia Energia e Participações. O consórcio destinará 70,0% da energia elétrica gerada para o Ambiente de Contratação Regulada (ACR), 20,0% para Ambiente de Contratação Livre (ACL) e os 10,0% restantes para os autoprodutores. Os contratos com as distribuidoras compradoras no ACR terão prazo de duração de 30 anos e início de suprimento no primeiro trimestre de 2015. O custo do investimento para construção da usina será de R\$ 19 bilhões, de acordo com cálculos feitos pela EPE.

A contratação de energia elétrica proveniente da UHE Belo Monte foi indicada como projeto de geração com prioridade de licitação e implantação, por seu caráter estratégico e de

interesse público, nos termos do inciso VI do art. 2º da Lei nº 9.478, de 6 de agosto de 1997, conforme Resolução CNPE nº 5, de 3 de setembro de 2009.

O aproveitamento hidráulico da UHE Belo Monte consiste numa potência instalada de no mínimo 11.233,1 MW, conforme as características técnicas de sua unidade geradora e das instalações de transmissão. A garantia física do empreendimento é de 4.571 MW médios. Belo Monte será a terceira maior usina do mundo. A primeira é a hidrelétrica de Três Gargantas, na China, com potência instalada de 22,5 mil MW, seguida por Itaipu, binacional entre o Brasil e o Paraguai, com 14 mil MW. A UHE Belo Monte representará para o país o incremento de uma energia de fonte renovável com grande potencial de geração, de baixo custo e não poluente.

1.4 Novas Usinas

A Tabela 14 apresenta as usinas que iniciaram a operação comercial durante o segundo trimestre de 2010.

Foram adicionados 1.713,9 MW ao sistema, sendo 56,0 MW, 3,3% do total, em energia renovável oriunda de usinas eólicas vinculadas ao Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (PROINFA).

A maior parte do acréscimo de geração se deu em usinas térmicas, com 1.381,3 MW adicionais de potência, representando 80,6% do acréscimo total no período. O segundo setor que mais cresceu no período foi o de usinas hidrelétricas, com um acréscimo de 179,0 MW.

Tabela 14 - Brasil: usinas que iniciaram operação comercial - II Trimestre de 2010

Tipo	Nome (Unidade Geradora)	UF	UG	Potência (MW)
ABRIL				
EOL (PROINFA)	Gravatá	PE	-	4,95
EOL (PROINFA)	Xavante	PE	-	4,95
EOL (PROINFA)	Mandacaru	PE	-	4,95
EOL (PROINFA)	Santa Maria	PE	-	4,95
PCH	Malagone	MG	-	19,00
PCH	Arvoredo	SC	-	13,00
PCH	Santa Ana	SC	-	6,30
PCH	São Maurício	SC	-	2,50
UTE (PIE)	Camaçari Pólo de Apoio I	BA	-	80,00
UTE (PIE)	Iacanga (Biomassa)	SP	UG1 e UG2	19,00
UTE (PIE)	Clealco-Queiroz (Biomassa)	SP	UG1 e UG2	45,00
UTE (PIE)	Itaenga (Biomassa)	PE	UG2	25,00
UTE (PPT)	Santa Cruz (Serviço Público)	RJ	UG21	200,00
EOL				19,80
PCH				40,80
UHE				0,00
Térmicas				369,00
TOTAL				429,60
MAIO				
EOL (PROINFA)	Pirauá	PE	-	4,95
EOL (PROINFA)	Praia do Morgado	CE	-	28,80
PCH (PROINFA)	Tudelândia	RJ	-	2,40
PCH	Criúva	RS	UG1	23,95
PCH	Tudelândia	RJ	UG1	2,40
UHE	Baguari	MG	-	35,00
UHE	Retiro Baixo	MG	-	41,00
UHE	Salto	GO	-	58,00
UTE (APE)	MRN UG II	PA	UG1 a UG5	45,80
UTE (PIE)	Global I	BA	UG1 a UG4	148,80
UTE (PIE)	Global II	BA	GG05 a GG08	148,80
UTE (PIE)	Bahia Pulp	BA	UG4	47,50
UTE (APE)	Alunorte	PA	TG2 e TG3	63,80
UTE (PIE)	Caarapó (Biomassa)	MS	UG1 e UG2	76,00
UTE (PIE)	Vale do Tijuco (Biomassa)	MG	TG1 e TG2	45,00
UTE (PIE)	Total (Biomassa)	MG	UG1	25,00
UTE (APE)	Maracaju (Biomassa)	MS	UG1, UG2 e UG3	10,40
UTE (PIE)	Destilaria Andrade (Biomassa)	SP	UG1	33,00
UTE (PIE)	Ituiutaba (Biomassa)	MG	UG1, UG2 e UG3	56,00
UTE (APE)	São Francisco (Biomassa)	SP	UG1	21,80
UTE (PIE)	Itumbuara (Biomassa)	GO	UG1, UG2 e UG3	56,00
EOL				33,75
PCH				28,75
UHE				134,00
Térmicas				777,90
TOTAL				974,40

JUNHO				
PCH	São Gonçalo	MG	-	11,00
PCH	Bruno Heidrich Neto	SC	-	2,54
PCH	Bocaiúva	MT	UG1	15,00
PCH	Jacaré Pepira	SP	-	2,00
UHE	Barra dos Coqueiros	GO	-	45,00
UTE (PIE)	Alcoa Beneficiamento	PA	UG1 a UG7	9,80
UTE (PIE)	Alcoa Porto	PA	UG1 a UG10	5,60
UTE (PIE)	Açucareira Ester (Biomassa)	SP	G4	33,00
UTE (PIE)	Guaíra Energética (Biomassa)	SP	TG1 e TG2	55,00
UTE (PIE)	Bonfim (Biomassa)	SP	G1, G2 de G3	111,00
UTE (PIE)	Monteverde (Biomassa)	SP	UG-01	20,00
EOL				0,00
PCH				30,54
UHE				45,00
Térmicas				234,40
TOTAL				309,94
II TRI				
EOL				53,55
PCH				100,09
UHE				179,00
Térmicas				1381,30
TOTAL				1713,94
PROINFA				55,95

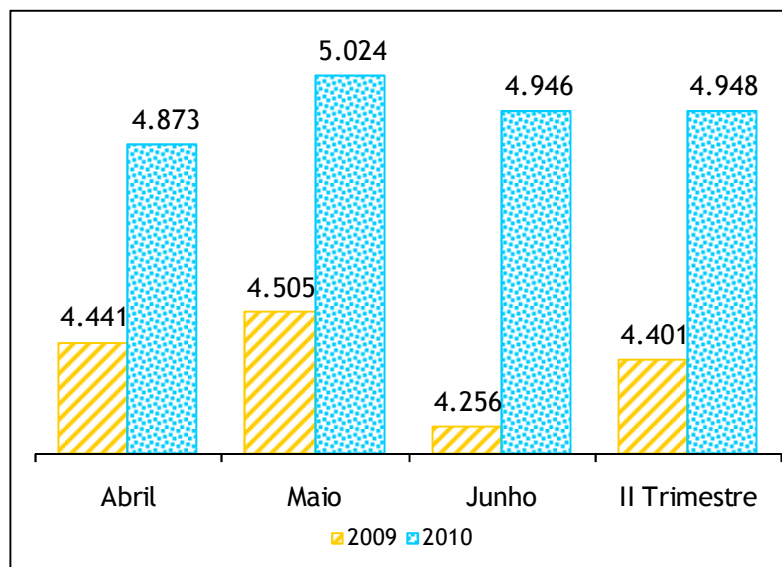
Fonte: ANEEL; Elaboração: EPE.

1.5 Intercâmbios

Itaipu

No segundo trimestre de 2010, a energia gerada no setor de 50 Hz de Itaipu (parte paraguaia), enviada ao Brasil através do subsistema Sudeste/Centro-Oeste cresceu 12,4%. Os crescimentos mensais em relação ao mesmo período do ano anterior foram de 9,7% em abril, 11,5% em maio e 16,2% em junho de 2010, decorrentes de valores de carga inferiores aos registrados em igual período de 2009.

Gráfico 12 - SIN: intercâmbio de energia elétrica através do subsistema Sudeste/Centro-Oeste - Itaipu 50 (MWmédio)



Fonte: ONS; Elaboração: EPE.

Internacional Sul

O intercâmbio de energia elétrica através do subsistema Sul no segundo trimestre de 2010 foi inferior (-48,1%) ao registrado no mesmo período de 2009.

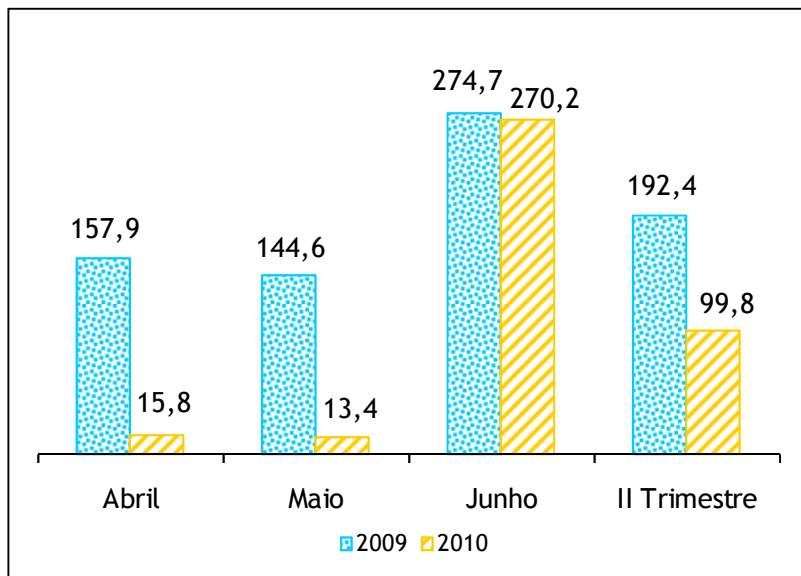
No que se refere ao intercâmbio com a Argentina, a Resolução CNPE nº 1 de 17 de abril de 2010 estabelece diretrizes para o suprimento, em caráter excepcional, de energia elétrica interruptível àquele país. De acordo com esta resolução, o Brasil exportou energia para a Argentina, através da conversora Garabi II, no período entre 11 e 25 de junho de 2010.

A Resolução Autorizativa ANEEL nº 2.280, de 23 de fevereiro de 2010 autoriza, a exportação e importação de energia mediante intercâmbio elétrico entre Brasil e Uruguai, com vigência pelo prazo de trinta anos. Com base nesta resolução, o Brasil devolveu energia de oportunidade para o Uruguai, através da conversora Rivera, nos períodos de 6 a 17 e de 21 a 27 de abril, de 11 a 28 de maio e de 2 a 10 de junho de 2010.

No que se refere ao intercâmbio de energia com o Paraguai, a autorização foi concedida, para encaminhamento via conversora Acaray, mediante a Resolução Autorizativa ANEEL nº 91/2005. Apesar da autorização, não há registro de intercâmbio entre Brasil e Paraguai e a Conversora Acaray encontra-se desligada desde setembro de 2007, em virtude do baixo nível dos reservatórios do Paraguai.

O Gráfico 13 apresenta os saldos consolidados dos intercâmbios internacionais com a Argentina, Uruguai e Paraguai.

Gráfico 13 - SIN: intercâmbio internacional de energia elétrica através do subsistema Sul (MWmédio)

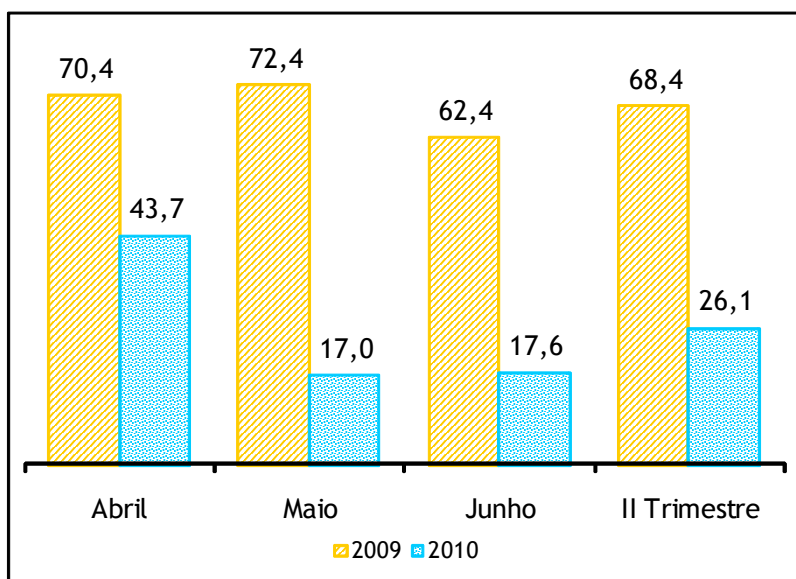


Fonte: ONS; Elaboração: EPE.

Sistemas Isolados

A importação de energia elétrica da Venezuela para suprimento da capital do estado de Roraima através da linha Guri-Boavista sofreu um recuo de 61,8% no MW importado. Conforme pode ser verificado no Gráfico 14, todos os meses do segundo trimestre de 2010 apresentaram valores inferiores em relação a 2009. Essa redução ocorreu em função de vários problemas enfrentados pelo sistema elétrico da Venezuela, tais como o fenômeno El Niño, indisponibilidade de unidades geradoras e insuficiência do sistema de transmissão.

Gráfico 14 - Sistemas Isolados: intercâmbio de energia elétrica com a Venezuela (MWmédio)



Fonte: ELETRONORTE; Elaboração: EPE.

1.6 Tarifas

As tarifas de energia elétrica aumentaram, em média, 1,9% no segundo trimestre de 2010 frente a igual período de 2009 - abaixo, portanto, da inflação medida pelo IPCA no mesmo período (4,8%). Na desagregação por classe de consumo, as classes rural, residencial e industrial foram as que apresentaram maiores elevações de tarifas, respectivamente 2,9%, 2,5% e 1,9%, enquanto os valores médios da classe comercial e iluminação pública cresceram, respectivamente, 1,4% e 1,2% no período.

As tarifas médias praticadas no Brasil no segundo trimestre dos anos de 2009 e 2010 estão expostas na Tabela 15, desagregadas por classe de consumo, e na Tabela 16, desagregadas por região geográfica.

Tabela 15 - Brasil: tarifas médias por classe de consumo (R\$/MWh)

Classes de consumo	II Trimestre		
	2009	2010	Δ %
Residencial	290,11	297,36	2,5
Industrial	229,9	234,16	1,9
Comercial	281,65	285,59	1,4
Rural	190,11	195,62	2,9
Poder Público	306,73	309,55	0,9
Iluminação Pública	162,83	164,79	1,2
Serviço Público	204,98	205,45	0,2
Consumo Próprio	301,32	299,18	-0,7
Brasil	260,13	265,06	1,9

Nota: Valores consultados no dia 16/09/2010

Fonte: ANEEL; Elaboração: EPE

Tabela 16 - Brasil: tarifas médias por região geográfica (R\$/MWh)

Região	II Trimestre		
	2009	2010	Δ %
Norte	291,42	275,01	-5,6
Nordeste	260,51	264,56	1,6
Sudeste	269,32	275,23	2,2
Sul	232,52	242,09	4,1
Centro-Oeste	251,01	254,03	1,2
Brasil	260,13	265,06	1,9

Nota: Valores consultados no dia 16/09/2010

Fonte: ANEEL; Elaboração: EPE

Os dados por região mostram que os menores aumentos nas tarifas médias foram praticados nas regiões Centro-Oeste (1,2%) e Nordeste (1,6%), cujos valores de tarifas estão, respectivamente, 4,2 % e 0,2% abaixo da média nacional. Por outro lado, a região Sul, ao apresentar uma taxa de crescimento de 4,1% no período, consolidou-se como a região que sofreu o maior ajuste de tarifa média do país. Ainda assim, verifica-se que os valores de tarifas nessa região estão em torno de 8,7% abaixo da média nacional.

Ressalta-se que os valores das tarifas praticadas na região Norte estão em média 5,6% mais baixas quando comparadas ao igual período do ano anterior.

Os efeitos médios dos reajustes tarifários, por subgrupo tarifário, ocorridos no segundo trimestre de 2010, estão listados na Tabela 17.

Tabela 17 - Brasil: reajustes tarifários do 2º trimestre de 2010.

UF	Distribuidora	Data	Efeito (%)						Médio AT
			BT	A4	A3a	A3	A2	A1	
MT	CEMAT	8/abr	-2,6	-2,3	-2,6	-3,6	-4,7	-	-2,5
MG	CEMIG-D	8/abr	-0,8	-3,1	-4,5	-3,4	-6,5	-10,8	-3,5
SP	CPFL - PAULISTA	8/abr	-4,7	-5,0	-2,3	-5,60	-6,6	-	-6,7
MS	ENERSUL	8/abr	1,3	6,0	6,1	8,0	8,5	-	6,2
RS	AES - SUL	19/abr	-1,2	-1,7	-	-4,9	-1,9	-9,0	-2,6
CE	COELCE	22/abr	7,0	7,9	-	5,8	5,7	-	7,2
RN	COSERN	22/abr	7,4	6,6	-	4,4	3,6	-	6,2
SE	ENERGIPE - ESE	22/abr	-0,1	-0,1	-	-2,9	-	-	-0,7
PE	CELPE	29/abr	-10,2	-6,2	-	-5,4	-	-2,7	-6,0
SP	CAIUÁ-D	10/mai	5,4	7,2	-	5,0	9,2	-	7,2
SP	NACIONAL - CNEE	10/mai	11,5	12,5	12,8	14,7	17,6	-	12,8
SP	PARANAPANEMA	10/mai	-5,6	-4,4	-6,2	-	-3,6	-	-4,5
SP	BRAGANTINA - EEB	10/mai	0,4	1,5	-	-	2,7	-	1,8
MG	ENERGISA MG	18/jun	9,0	9,1	-	7,5	10,8	-	9,1
RJ	ENERGISA RJ	18/jun	1,0	-1,9	-4,5	-	-	-	-2,4
RS	RGE	19/jun	4,4	3,6	3,0	-0,0	-	3,7	4,4
PR	COPEL-D	24/jun	3,1	2,4	0,7	0,0	-1,1	-2,9	1,6
MG	DMEPC	28/jun	0,4	-1,4	-	-	-	-	-1,4
PR	OESTE - CFLO	29/jun	5,0	9,1	8,3	-	-	-	8,9
RS	DEMEI	29/jun	0,6	2,4	-	-	-	-	2,4
RS	ELETROCAR	29/jun	-0,5	0,7	-	-	-	-	0,7
RS	MUX - ENERGISA	29/jun	3,7	0,5	-	-	-	-	0,5

Notas: BT - baixa tensão; AT - alta tensão; A1 - 230 kV ou mais; A2 - 88 a 138 kV; A3 - 69 kV; A3a - 30 a 44 kV; A4 - 2,3 a 25 kV.

Fonte: ANEEL. Elaboração EPE.

Da tabela acima cabe ressaltar que os resultados associados aos efeitos médios, considerando todos os subgrupos tarifários, contemplam valores referentes às componentes financeiras e econômicas da tarifa do consumidor.

Dos reajustes destacados, vale ressaltar os efeitos médios positivos de 12,8%, 9,1%, 8,9%, 7,2%, 7,2%, 6,2% e 6,2% calculados para as tarifas dos consumidores em alta tensão das concessionárias Nacional - CNEE, Energisa - MG, Oeste - CFLO, Caiuá-D, Coelce, Cosern e Enersul, respectivamente. Tais aumentos são resultantes de componentes financeiros não considerados no reajuste passado, mas que foram acrescentados neste ano.

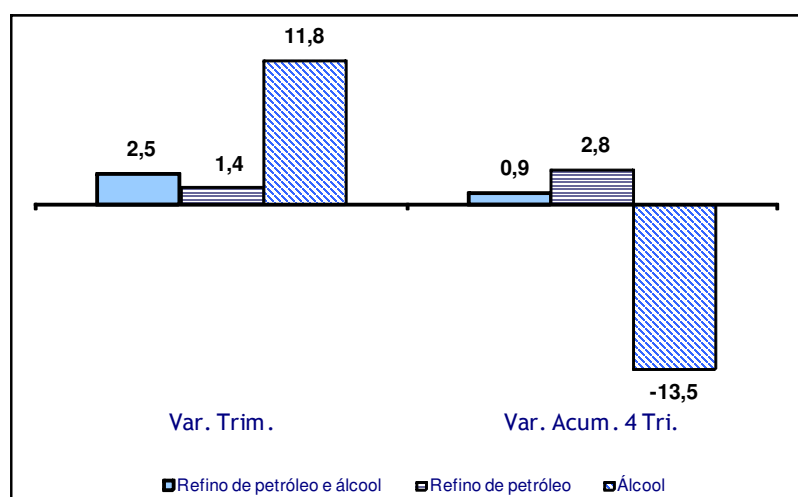
Por outro lado, merecem destaque as quedas de 10,2% e 5,6% nas tarifas médias para os consumidores em baixa tensão das concessionárias Celpe e Paranapanema, respectivamente. Tais reduções representam a retirada de componentes financeiros aplicados nas tarifas do reajuste do ano anterior.

2 HIDROCARBONETOS E BIOCOMBUSTÍVEIS

Com relação ao setor de refino é possível verificar que o aumento da produção física no segundo trimestre de 2010 ocorreu em todos os segmentos, em especial na produção alcooleira. A maior produção de álcool no período se deveu ao acréscimo na moagem que ocorreu pela antecipação do início das atividades em um significativo contingente de unidades produtoras e devido às condições climáticas, que permaneceram excepcionais para a colheita da cana nesse início de safra.⁴

A despeito do bom resultado observado no trimestre (em boa medida devido à baixa base de comparação do segundo trimestre de 2009), verificou-se que ao longo dos três meses do período ocorreu uma redução no refino de petróleo e álcool. Em maio, o resultado do segmento foi afetado por paralisações técnicas programadas em refinarias.⁵

Gráfico 15 - Variação da produção física no refino de petróleo e álcool (%) - II Trimestre 2010



Fonte: IBGE. Elaboração: EPE.

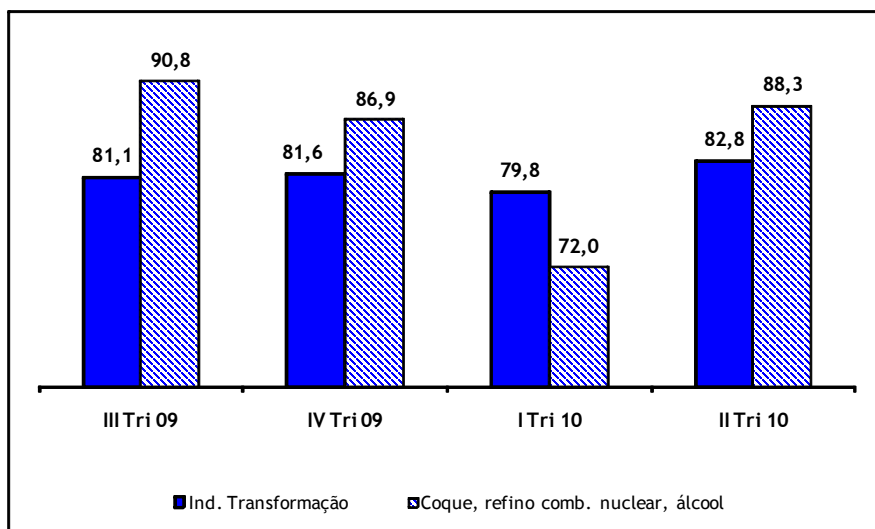
Em termos de capacidade de utilização, a indústria de transformação operou, em média no segundo trimestre de 2010, com 82,8% da capacidade instalada, o que representa um aumento de 3,0 p.p. em relação ao trimestre imediatamente anterior, conforme se vê no Gráfico 16. Esta elevação ocorreu devido à necessidade de se incrementar a produção visando a repor os estoques que foram consumidos no primeiro trimestre do ano, quando estava próximo o fim dos incentivos de redução do IPI. No entanto, embora a média do trimestre tenha sido elevada, verificou-se uma queda nos níveis de utilização da capacidade instalada ao longo do trimestre, o que, de acordo com a CNI, “se deve não só à menor atividade industrial, mas também pela ampliação do parque produtivo do setor”.⁶

⁴ <http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal> (abril, maio e junho)

⁵ IBGE. Sala de Imprensa: Pesquisa Industrial Mensal Produção Física - Brasil. Divulgado em 01 de julho de 2010. <www.ibge.org.br>

⁶ CNI. Indicadores Industriais. Ano 21. Número 6. Junho de 2010. Disponível em <www.cni.org.br>

Gráfico 16 - Utilização da Capacidade Instalada - percentual médio (*)



Nota: (*) dados sazonalizados.

Fonte: CNI, 2010. Elaboração: EPE.

A retomada da economia está amplamente ancorada na evolução positiva do mercado de trabalho. De acordo com os dados apresentados pelo CAGED,⁷ houve um aumento dos postos de trabalho no período, com um saldo de mais de 800 mil admissões no segundo trimestre. No acumulado do ano foram criados cerca de 1.480 mil empregos, valor recorde de toda série histórica do CAGED.

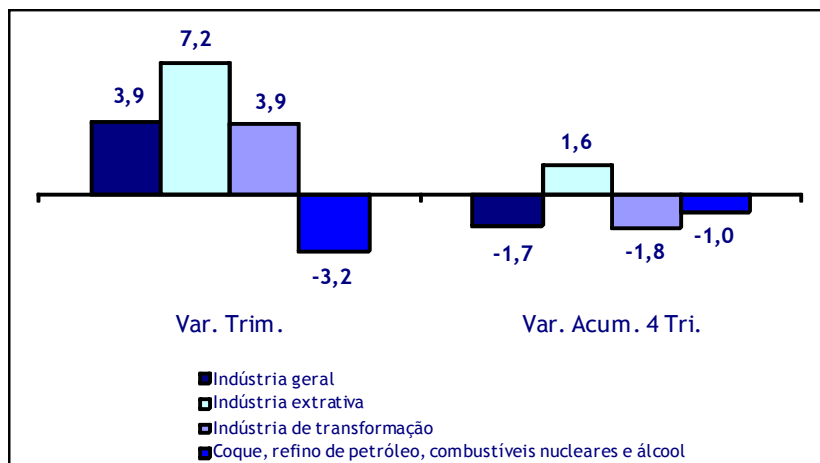
Como pode ser observado pelo Gráfico 17, o setor industrial também se beneficiou dos indicadores de emprego do período. A indústria geral apresentou um crescimento de 3,9% no nível de pessoal ocupado, com destaque para a maior elevação verificada na indústria extrativa (7,2%). O setor de coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool foi o único que apresentou retração no período. Isso pode ser explicado, em parte, pela queda na produção física de refino de petróleo e álcool em maio, resultado de paralisações técnicas programadas em refinarias do setor, como já mencionado.

Pelo Gráfico 17, observa-se que houve redução da folha de pagamento da indústria extrativa (-11,7%) e de coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool (-12,3%). De acordo com o IBGE,⁸ os valores negativos foram influenciados pela base de comparação elevada, por conta do pagamento de lucros e de resultados em maio de 2009.

⁷ Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em <http://estatistica.caged.gov.br/>.

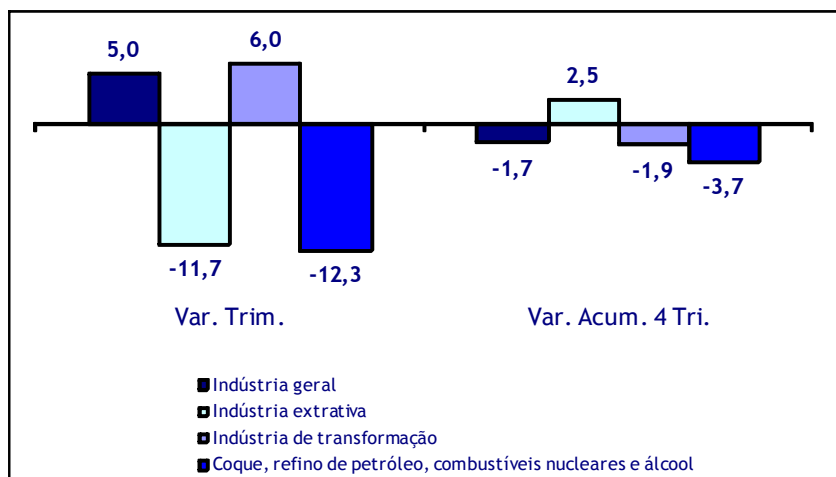
⁸ IBGE. Pesquisa Industrial Mensal Emprego e Salário(PIMES) - maio de 2010.

Gráfico 17 - Variação do pessoal ocupado assalariado (%)- II Trimestre de 2010



Fonte: IBGE. Elaboração: EPE.

Gráfico 18 - Variação da folha de pagamento real (%) - II Trimestre de 2010



Fonte: IBGE. Elaboração: EPE.

O resultado do IPCA total do segundo trimestre, de 0,98%, comprova que houve no período uma desaceleração, arrefecendo as preocupações acerca da trajetória futura da inflação, por conta do forte ritmo de crescimento econômico. A redução do IPCA teve forte influência dos menores preços dos energéticos que, no trimestre, tiveram uma deflação de 0,92%, conforme é mostrado na Tabela 18.

O preço do álcool, após apresentar alta no início do ano, apresentou uma redução de 1,3%. O menor preço ocorreu após a normalização na produção, com o fim dos fatores naturais que impediram as colheitas nos trimestres anteriores. A gasolina, que voltou a ter em sua composição 25% de álcool a partir de maio (após um período em que essa participação havia sido reduzida para 20%), também teve seu preço reduzido no período. A maior queda no IPCA dos energéticos, entretanto, ocorreu com o preço do óleo diesel que, em relação ao segundo trimestre de 2009, sofreu uma redução de 18,3%.

Tabela 18 - IPCA desagregado: energéticos vs. não energéticos (%)

IPCA	2009		2010		12 meses*
	III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri	
IPCA não-energéticos	0,42	0,96	2,22	1,17	4,86
IPCA energéticos	2,54	1,99	0,51	-0,92	4,15
Energia elétrica residencial	1,21	3,65	0,57	0,06	1,11
Combustíveis (domésticos)	3,65	0,57	0,06	1,11	5,46
Carvão Vegetal	5,28	1,55	1,12	0,39	8,53
Gás de botijão	1,51	-1,07	7,53	4,23	12,55
Gás encanado	5,62	1,70	1,15	0,34	9,02
Combustíveis (veículos)	1,32	-0,15	0,56	0,90	2,65
Gasolina	1,00	3,13	0,65	-2,74	1,97
Álcool	0,82	2,05	0,32	-1,31	1,87
Óleo diesel	6,35	17,47	4,49	-18,33	6,60
Gás veicular	-3,45	0,02	0,16	-0,25	-3,52
IPCA Total	0,61	1,06	2,06	0,98	4,80

Nota: * 12 meses findos em junho, peso médio do II Tri 2010. Fonte: IBGE. Elaboração: EPE.

A balança comercial brasileira fechou o trimestre com um saldo de US\$ 6,9 bilhões, valor 35,9% menor do que o observado no mesmo período de 2009, quando os efeitos da crise ainda eram fortes sobre o setor externo brasileiro.

Com relação às exportações de combustíveis, verifica-se um forte aumento nas vendas externas dos óleos brutos de petróleo, o que pode ser explicado pela demanda dos países asiáticos. A gasolina teve uma forte retração no valor exportado, porém pode-se deduzir através da Tabela 19 que essa queda se deu na quantidade, uma vez que os preços tiveram aumento no mesmo período. A menor exportação de gasolina também pode ser explicada pela alta base de comparação uma vez que, mesmo com o aumento da demanda interna, em virtude dos preços mais altos do etanol, houve excedente para a exportação.

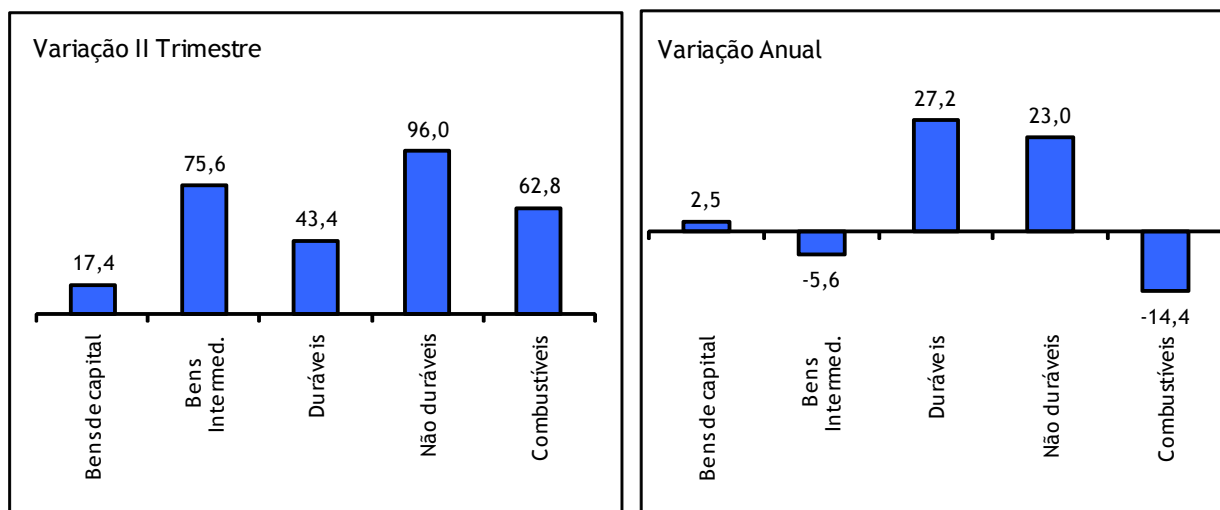
Tabela 19 - Exportação de combustíveis - II Trimestre (US\$ bilhões)

Descrição	2010		Variação (%) 2010/2009	
	US\$ FOB	Preços	US\$ FOB	Preços
	II Trim	II Trim	II Trim	II Trim
Petróleo e Derivados	5,8	511,4	106,6	71,5
Gasolina	0,0	782,5	-78,5	80,6
Óleos e combustíveis para consumo de bordo	0,8	562,4	39,0	42,5
Óleos e combustíveis	0,7	474,7	83,0	57,0
Óleos lubrificantes	0,0	1741,4	10,7	7,4
Óleos brutos de petróleo	4,2	505,2	165,7	93,9
Demais derivados de petróleo	0,0	599,4	-7,8	81,3
Álcool Etílico	0,2	701,5	-47,8	57,4

Nota: Preços em US\$/t. Fonte: MDIC, 2010. Elaboração: EPE

As importações brasileiras continuaram a crescer fortemente, mesmo com o arrefecimento da economia no período. Na comparação com o mesmo período do ano anterior, todas as categorias apresentaram variação positiva, com destaque para bens não duráveis (96,0%) e bens intermediários (75,6%). O aumento das importações foi favorecido pelo real valorizado frente ao dólar. No acumulado do ano, verifica-se que ainda há influências da retração provocada pela crise nos bens intermediários e combustíveis.

Gráfico 19 - Variação das importações por setores, 2010/2009 (%)



Fonte: MDIC, 2010. Elaboração: EPE. Variação anual com base no acumulado de 12 meses em junho/10.

Considerando as importações de combustíveis, verifica-se aumento de todos os itens no período. A fim de atender à retomada da demanda do setor industrial, verificou-se um aumento de importação nos combustíveis utilizados para impulsão da produção, com destaque para a importação de hulha, coque e briquetes com aumento de 125,5% em relação ao segundo trimestre do ano anterior. Esse crescimento pode ser explicado pela recuperação da indústria siderúrgica, que de acordo com o Instituto Aço Brasil⁹ apresentou um elevado crescimento no primeiro semestre de 2010 em virtude do “forte aquecimento na área da construção civil - tanto habitacional quanto em obras de infraestrutura - e da persistência do crescimento da indústria automotiva, apesar da redução dos incentivos tributários, assim como de bens de capital e linha branca”.

Tabela 20 - Importações de Combustíveis

Descrição	US\$ bilhões FOB	Variação (%)
	II Trim	II Trim
Combustíveis e Lubrificantes, Minerais e Prod. Conexos	7,78	94,2
Hulha, Coque e Briquetes.	1,01	125,6
Petróleo, Derivados e Prod. Conexos	5,95	96,2
Gás Natural e Manufaturado	0,82	56,8

Fonte: MDIC, 2010. Elaboração: EPE.

⁹ Análise Instituto Aço Brasil - junho 2010. Disponível em <www.acobrasil.org.br>

2.1 HIDROCARBONETOS

2.1.1 Petróleo

O segundo trimestre de 2010 apresentou uma expansão de 6,7% na produção de petróleo e o resultado das exportações foi ainda mais expressivo, registrando um crescimento de 37,3% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. As importações apresentaram uma retração de 10,6% no trimestre e de 6,5% no acumulado de 12 meses findos em junho. A carga em refinarias ficou praticamente constante no trimestre, mas no acumulado de 12 meses apresenta uma pequena expansão (2,0%). Os indicadores da cadeia do petróleo são exibidos na Tabela 21 -

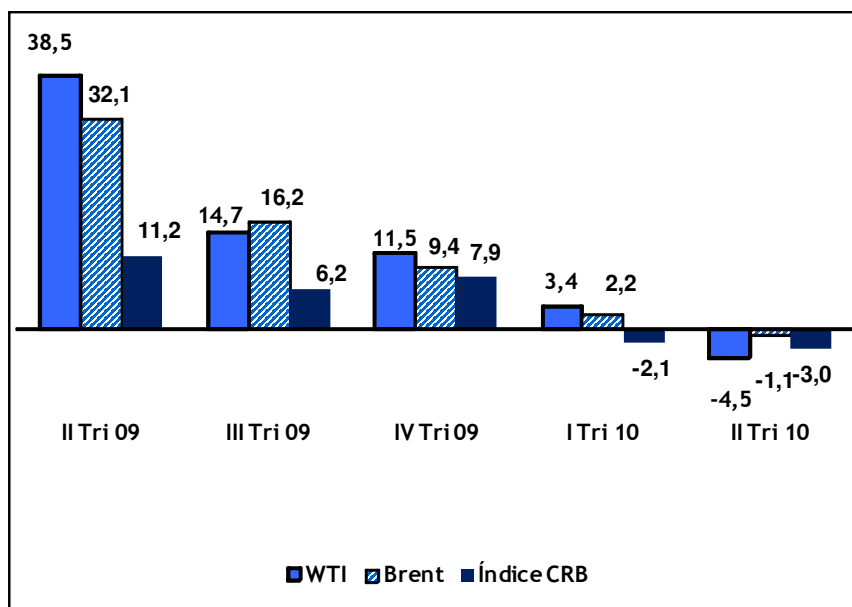
Tabela 21 - Indicadores da cadeia do petróleo (10³ m³)

Petróleo	II Trimestre			12 meses findos em junho		
	2009	2010	Δ %	2009	2010	Δ %
Produção	28.039,17	29.919,75	6,7	109.077,87	116.535,87	6,8
Importação	5.381,89	4.810,42	-10,6	23.097,26	21.599,20	-6,5
Exportação	6.337,66	8.701,53	37,3	29.123,81	35.163,61	20,7
Carga em refinarias	25.572,05	25.536,75	-0,1	102.124,16	104.174,23	2,0

Fonte: ANP; Elaboração: EPE

Em relação aos preços das commodities energéticas, em especial o petróleo, o segundo trimestre de 2010 foi marcado por uma retomada das preocupações acerca da recuperação da economia mundial no pós-crise, em particular por conta da persistência da questão fiscal na União Europeia e dos elevados índices de desemprego na economia americana. Como resultado, o preço do petróleo, no período, apresentou retração de 4,5% no petróleo WTI e de 1,1% no Brent. Assim, o preço das commodities medido pelo índice Commodity Research Bureau (CRB) teve a segunda queda seguida, com uma retração de 3,0% (Gráfico 20).

Gráfico 20 - Preços do petróleo e índice CRB (variação %)



Nota: Variação % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Fontes: Thomson Reuters e Energy Information Administration. Elaboração: EPE.

2.1.2 Diesel

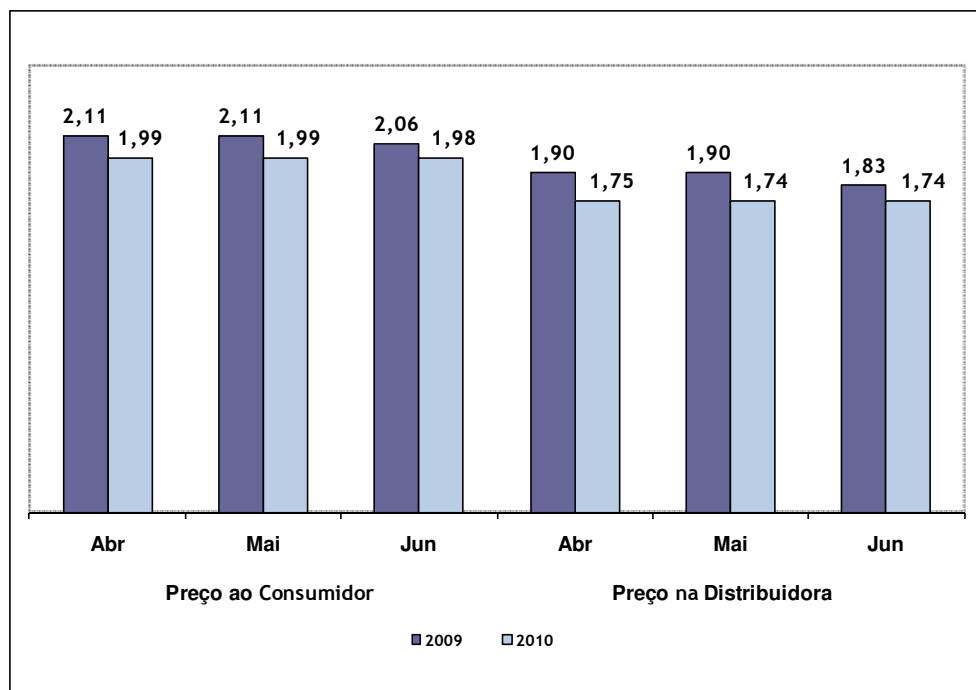
A Tabela 22 apresenta os indicadores relativos ao óleo diesel para o segundo trimestre de 2010 e para os 12 meses findos em junho do mesmo ano. Houve uma expansão bastante elevada nas importações (quadruplicou seu volume no trimestre e cresceu 49,7% no período de 12 meses findos em junho). Os preços caíram, porém o repasse para o consumidor se deu mais lentamente com consequente aumento da margem média (12,9%). O Gráfico 21 apresenta a evolução do preço do óleo diesel no segundo trimestre de 2009 e 2010, tanto na distribuidora quanto para o consumidor final.

Tabela 22 - Indicadores da cadeia do óleo diesel

Óleo Diesel	II Trimestre			12 meses findos em junho		
	2009	2010	Δ %	2009	2010	Δ %
Produção [10^3 m ³]	10.518,8	10.163,7	-3,4	41.606,6	42.204,3	1,4
Importação [10^3 m ³]	562,8	2.468,8	338,6	4.101,3	6.141,0	49,7
Exportação [10^3 m ³]	300,1	240,4	-19,9	889,7	1.120,9	26,0
Vendas [10^3 m ³]	10.801,1	12.172,9	12,7	43.709,5	46.948,8	7,4
Preço médio no produtor [R\$/l]	1,4673	1,3522	-7,8	1,4976	1,3483	-10,0
Preço médio no distribuidor [R\$/l]	1,8780	1,7443	-7,1	1,8996	1,7429	-8,2
Preço médio ao consumidor [R\$/l]	2,0917	1,9857	-5,1	2,1016	1,9858	-5,5
Margem Média de Revenda [R\$/l]	0,2140	0,2417	12,9	0,2019	0,2430	20,3

Fonte: ANP; Elaboração: EPE.

Gráfico 21 - Preço médio do óleo diesel (R\$/l)



Fonte: ANP; Elaboração: EPE.

A Associação Brasileira de Concessionárias de Rodovias (ABCR) apura o tráfego de veículos pesados nas rodovias de seus associados. Ainda que parcial, essa estatística é um indicador da atividade de transporte de cargas por modal rodoviário. De acordo com os dados divulgados pela ABCR, o tráfego no segundo trimestre de 2010 superou em 5,7% o do mesmo período de 2009.

2.1.3 Querosene de Aviação (QAV)

Apesar do crescimento de 5,8% na produção nacional de querosene de aviação, as exportações apresentaram um recuo de 27,3% em relação ao mesmo período do ano passado. Quanto às importações, o crescimento foi bastante elevado (111,9%), mantendo a dependência do Brasil para o atendimento ao mercado interno e de aeronaves em trânsito internacional que se abastecem no país. Os preços ao produtor aumentaram 24,1% em relação ao segundo trimestre de 2009 (Tabela 23).

Tabela 23 - Indicadores da cadeia de querosene de aviação

Querosene de aviação	II Trimestre			12 meses findos em junho		
	2009	2010	Δ %	2009	2010	Δ %
Produção (10 ³ m ³)	1.049	1.110	5,8	3.921	4.380	11,7
Importação (10 ³ m ³)	236	499	111,9	1.343	1.648	22,7
Exportação (10 ³ m ³)	9,2	6,7	-27,3	27,0	25,2	-6,3
Vendas (10 ³ m ³)	1.286	1.485	15,4	5.206	5.815	11,7
Preço médio no produtor (R\$/l)	0,950	1,178	24,1	1,330	1,092	-17,8

Fonte: ANP; Elaboração: EPE.

Dados da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) mostram que o transporte aéreo de passageiros no Brasil, representado pelo indicador “passageiro x quilômetro”, apresentou crescimento de 0,7% no segundo trimestre de 2010, ante o mesmo período de 2009, enquanto o transporte internacional de passageiros realizado por empresas brasileiras cresceu 0,8% no mesmo período.

2.1.4 Gasolina

A Tabela 24 apresenta a evolução dos indicadores relativos às gasolinas “A” (sem adição de etanol anidro) e “C” (com adição de etanol anidro), para o segundo trimestre de 2010 e para os 12 meses findos em dezembro de 2009 e de 2010.

Houve uma retração de 87,1% nas exportações de gasolina “A” em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Os preços da gasolina “A” caíram cerca de 1,3%, enquanto os preços de distribuição e revenda da gasolina “C” aumentaram, respectivamente, 1,2% e 2,4%, fazendo com que a expansão da margem de revenda no trimestre fosse maior, 10,2%. A demanda por gasolina “C” no trimestre cresceu 16,0% e o volume de produção praticamente manteve o mesmo patamar, registrando uma pequena expansão de 0,5% em relação ao mesmo trimestre de 2009.

Tabela 24 - Indicadores da cadeia da gasolina

Gasolina	II Trimestre			12 meses findos em junho		
	2009	2010	Δ%	2009	2010	Δ%
Produção de Gasolina A [10 ³ m ³]	4.973,9	4.997,2	0,5	19.718,6	20.258,2	2,7
Demanda de Gasolina C [10 ³ m ³]	6.078,4	7.051,0	16,0	25.184,9	27.861,1	10,6
Importação de Gasolina A [10 ³ m ³]	0,013	128,600	-	0,060	505,111	-
Exportação de Gasolina A [10 ³ m ³]	649,2	83,6	-87,1	2.299,5	1.636,0	-28,9
Exportações Líquidas de Gasolina A [10 ³ m ³]	649,2	-45,0	-106,9	2.299,4	1.130,9	-50,8
Preço Médio da Gasolina A no Produtor ⁽¹⁾ [R\$/litro]	1,540	1,520	-1,3	1,543	1,530	-0,8
Preço Médio de Distribuição de Gasolina C [R\$/litro]	2,143	2,168	1,2	2,164	2,188	1,1
Preço Médio de Revenda de Gasolina C [R\$/litro]	2,489	2,549	2,4	2,502	2,537	1,4
Margem Média de Revenda ⁽²⁾ - Gasolina C [R\$/litro]	0,346	0,382	10,2	0,338	0,350	3,5

Nota: (1) Não inclui ICMS. Inclui CIDE, PIS/PASEP e COFINS, quando aplicável.

(2) Margem média bruta de revenda.

Fonte: ANP; Elaboração: EPE.

2.1.5 Gás Liquefeito de Petróleo (GLP)

Na Tabela 25 estão apresentados os principais indicadores relativos ao GLP, com base no segundo trimestre e nos 12 meses findos em junho, para os anos de 2009 e 2010. Houve queda

de 2,7% na produção nacional de GLP, enquanto a demanda interna cresceu 4,3%. Houve grande expansão na exportação de GLP no segundo trimestre (900,2%) e, apesar de se caracterizar pela concentração apenas em determinados meses do ano, também houve expressivo crescimento no acumulado de 12 meses findos em junho (185,7%).

Os preços do GLP no produtor aumentaram 2,3%. No entanto, tanto na distribuição como na revenda, os aumentos foram mais elevados (respectivamente de 4,0% e de 9,2%) resultando em um crescimento ainda maior da margem média de revenda (27,6%).

Tabela 25 - Indicadores da cadeia do GLP

GLP	II Trimestre			12 meses findos em junho		
	2009	2010	Δ%	2009	2010	Δ%
Produção [10 ³ m ³]	1.985,8	1.931,3	-2,7	7.975,6	7.732,1	-3,1
Demanda [10 ³ m ³]	3.036,0	3.166,7	4,3	12.101,9	12.345,3	2,0
Importação [10 ³ m ³]	669,4	796,0	18,9	2.399,4	2.857,5	19,1
Exportação [10 ³ m ³]	34,3	342,7	900,2	7,2	20,4	185,7
Preço Médio no Produtor ⁽¹⁾ - P-13 [R\$/kg]	1,0392	1,0390	0,0	1,0400	1,0393	-0,1
Preço Médio no Produtor ⁽¹⁾ - Outros [R\$/kg]	1,4212	1,5068	6,0	1,4736	1,4629	-0,7
Preço Médio no Produtor ⁽¹⁾ - Total [R\$/kg]	1,1368	1,1634	2,3	1,1552	1,1501	-0,4
Preço Médio de Distribuição [R\$/botijão de 13 kg]	27,50	28,60	4,0	26,81	28,42	6,0
Preço Médio de Revenda [R\$/botijão de 13 kg]	35,28	38,53	9,2	33,90	38,01	12,1
Margem Média de Revenda ⁽²⁾ [R\$/botijão de 13 kg]	7,78	9,92	27,6	7,09	9,59	35,3

Nota: (1) Não inclui ICMS. Inclui PIS/PASEP e COFINS, quando aplicável.

(2) Margem média bruta de revenda.

Fonte: ANP; Elaboração EPE.

2.1.6 Óleo combustível

Os indicadores da cadeia do óleo combustível para o segundo trimestre de 2010 estão apresentados na Tabela 26. Houve expansão de 14,1% na produção em relação ao segundo trimestre de 2009. Também as exportações e a demanda interna apresentaram crescimento, respectivamente de 22,3% e 5,2%.

Os preços subiram no primeiro trimestre em relação ao mesmo período de 2009, em especial no que se refere ao preço do óleo combustível do tipo A2 no produtor, que cresceu 39,2% no segundo trimestre e, no período de 12 meses findos em junho, apresentou elevação de 6,5%.

A diferença entre produção e demanda (considerando também exportação) corresponde ao óleo combustível destinado ao transporte marítimo nacional, incluindo embarcações da Marinha brasileira, da Transpetro e outras de bandeira nacional operando em águas territoriais brasileiras.

Tabela 26 - Indicadores da cadeia do óleo combustível

Descrição	II Trimestre			12 meses findos em junho		
	2009	2010	Δ%	2009	2010	Δ%
Produção [10 ³ m ³]	3.275,4	3.737,3	14,1	13.033,5	14.381,4	10,3
Demanda [10 ³ m ³]	1.236,6	1.301,5	5,2	4.945,1	5.142,7	4,0
Importação [10 ³ m ³]	0,010	0,001	-91,1	137,7	30,4	-77,9
Exportação [10 ³ m ³]	984,7	1.204,3	22,3	3.935,5	5.283,8	34,3
Preço Médio do tipo A1 no Produtor ⁽¹⁾ - Brasil [R\$/kg]	0,6589	0,9145	38,8	0,8251	0,8729	5,8
Preço Médio do tipo A2 no Produtor ⁽¹⁾ - Brasil [R\$/kg]	0,6669	0,9280	39,2	0,8215	0,8747	6,5
Preço Médio do tipo B1 no Produtor ⁽¹⁾ - Brasil [R\$/kg]	0,7265	0,9672	33,1	0,9063	0,9283	2,4

Nota: (1) Não inclui consumo do transporte marítimo nacional.

(2) Não inclui ICMS. Inclui CIDE, PIS/PASEP e COFINS, quando aplicável.

Fonte: ANP; Elaboração EPE.

2.2 Biocombustíveis

2.2.1 Biodiesel

A produção de biodiesel expandiu tanto no segundo trimestre frente igual período do ano anterior, quanto em 12 meses findos em junho de 2010, apontando variação de, respectivamente, 69,2% e 53,5%.

A demanda foi estimada com base no percentual mínimo obrigatório de adição de biodiesel ao óleo diesel estabelecido pela legislação. Desta forma foram utilizados os percentuais de 4,0% para vendas a partir de 1º de julho de 2009 e de 5,0%, conforme Resolução CNPE nº 6 de 16/09/2009, para vendas a partir de 1º de janeiro.

Tabela 27 - Indicadores da cadeia do biodiesel (10³ m³)

Biodiesel	II Trimestre			12 meses findos em junho		
	2009	2010	Δ %	2009	2010	Δ %
Produção	350,3	592,5	69,2	1.359,3	2.086,0	53,5
Demanda	324,0	608,6	87,8	1.311,3	2.111,5	61,0

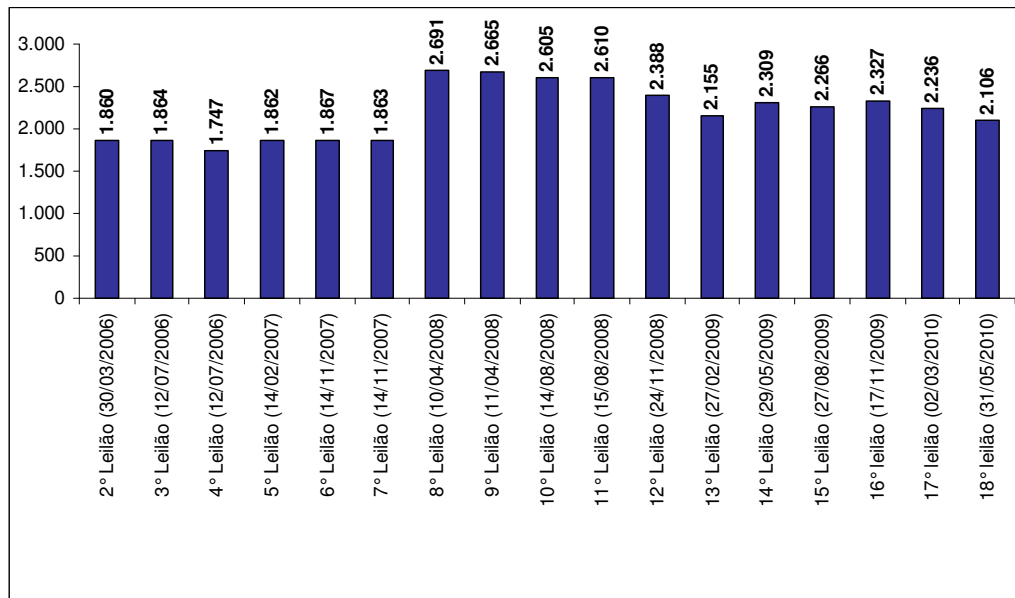
Fonte: ANP; Elaboração: EPE.

A oferta do biodiesel B100 (diesel de origem 100,0% renovável) é realizada através de leilões, conduzidos pela Agência Nacional do Petróleo (ANP), que visam garantir o suprimento por menor preço.

No final do último mês de maio foi realizado o 18º leilão de biodiesel, visando o suprimento da mistura B5 entre os meses de julho e setembro de 2010, com a comercialização de 600 mil m³ do produto. O valor médio das ofertas contratadas foi de R\$ 2.106,00 por m³, o que representou deságio médio de 9,2%. Esse leilão contou com a participação de produtores de 13 estados brasileiros, valendo destacar que coube à região Centro-Oeste o maior volume arrematado, seguida, por ordem de volume, das regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Norte.

O Gráfico 22 ilustra os preços médios apurados na série de leilões já realizados, com indicação de suas respectivas datas.

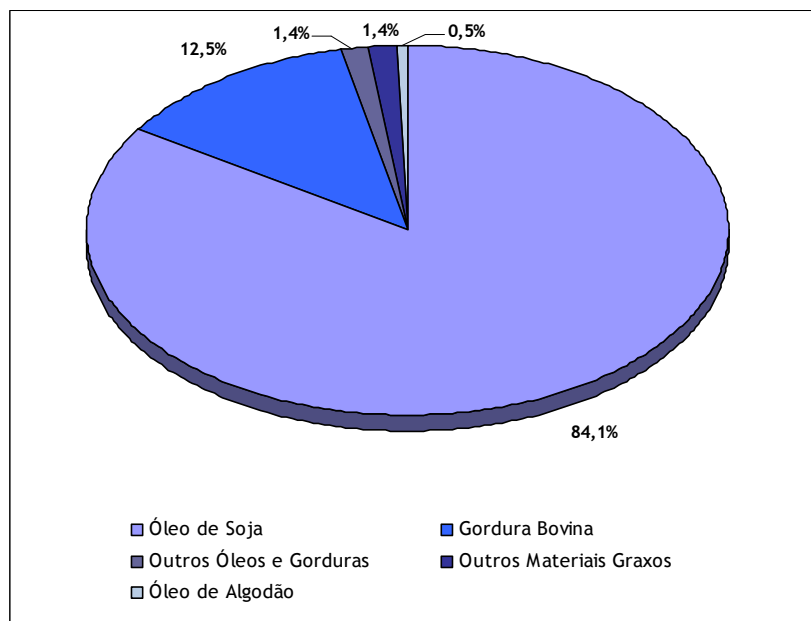
Gráfico 22 - Preço médio de comercialização de biodiesel nos leilões da ANP (R\$/m³)



Fonte: ANP; Elaboração: EPE.

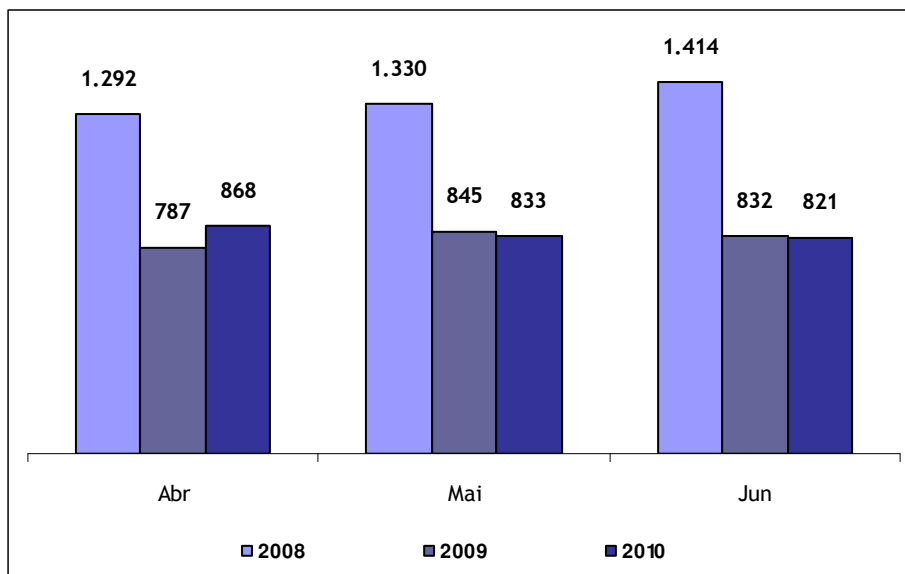
O Gráfico 23 apresenta a participação das fontes na produção do biodiesel no mês de junho de 2010, enquanto o Gráfico 24 apresenta os preços da cotação internacional do óleo de soja. Vale destacar que a principal matéria-prima utilizada na produção de biodiesel, no país, continua sendo o óleo de soja, seguido da gordura bovina.

Gráfico 23 - Participação das matérias-primas na produção de biodiesel - junho/2010



Fonte: ANP; Elaboração: EPE.

Gráfico 24 - Cotação internacional do óleo de soja (US\$/t métrica)



Fonte: IPEADData; Elaboração: EPE.

2.2.2 Etanol

O segundo trimestre do ano é marcado pelo início oficial da safra de cana-de-açúcar.

O excesso de umidade causado pelo grande volume de chuvas ocorridas nos meses de setembro, outubro e novembro de 2009, principalmente nas principais regiões produtoras do Centro-Sul do País, fez com que aumentasse a quantidade de cana madura deixada no campo para moagem na safra 2010/2011 iniciada oficialmente no dia 01 de abril.

Portanto, no segundo trimestre de 2010, a produção de cana-de-açúcar apresentou expansão de 23,8% na comparação com igual período do ano anterior, explicada, principalmente, pelas condições climáticas que favoreceram a safra e, em menor escala, pela expansão da lavoura. A produção total de etanol expandiu 14,5%, com forte influência do etanol anidro, que aumentou 55,6%. Em 12 meses findos em junho, a produção de cana-de-açúcar cresceu 2,3% enquanto o etanol total recuou 11,2%. Segundo dados da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (UNICA), do total da cana processada do início da safra até o dia 30 de junho, 43,9% foram destinados à produção de açúcar e 56,1% ao etanol.

A venda de etanol total recuou 3,0% no segundo trimestre em comparação a igual período de 2009, mostrando recuperação com relação ao trimestre anterior cuja queda foi de 15,4%. Esse resultado é reflexo, principalmente, da expansão da frota de veículos flex no País e do retorno do percentual de mistura do etanol anidro à gasolina ao nível anterior de 25,0%, a partir do último dia 2 de maio.

As exportações de etanol continuaram apresentando queda acentuada por influência dos mercados externos. No trimestre, a variação foi de - 63,4% na comparação com igual período do ano anterior. Já no mercado interno, a demanda pelo combustível vem mantendo a trajetória de crescimento iniciada no mês de março, com destaque para as vendas de etanol hidratado nos meses de maio e de junho que apontaram aproximadamente 1,3 milhões de m³.

Em fevereiro, a falta de competitividade do combustível resultou no menor volume de vendas do ano, da ordem de 0,8 milhões de m³.

A demanda pelo açúcar no mercado internacional se manteve bastante aquecida em decorrência, principalmente, da recomposição de estoques de diversos países que importam o produto brasileiro. Segundo dados da UNICA, no mês de junho as exportações de açúcar atingiram patamar muito próximo ao recorde de exportação mensal registrado em setembro de 2009. No tocante à produção, foi anotada expansão de 32,3%, merecendo destaque o fato de o clima ter contribuído com o aumento da quantidade de Açúcares Totais Recuperáveis (ATR) por tonelada de cana-de-açúcar, favorecendo a produção do produto.

Cabe ressaltar que levantamentos realizados pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) apontam que a lavoura nacional de cana-de-açúcar continua em expansão, com maiores crescimentos registrados nos estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. Esses levantamentos também mencionam o aumento no número de usinas no País.

A Tabela 28 apresenta os dados consolidados de produção do setor sucroalcooleiro no segundo trimestre do ano e o acumulado em 12 meses, enquanto a Tabela 29 e a Tabela 30 registram os dados de exportação e venda de etanol.

Tabela 28 - Setor sucroalcooleiro: dados de produção consolidados

Produção	II Trimestre			12 meses findos em junho		
	2009	2010	Δ %	2009	2010	Δ %
Cana de açúcar (10 ³ t)	117.697	219.987	23,8	630.775	645.130	2,3
Açúcar (10 ³ t)	8.767	11.601	32,3	34.649	35.868	3,5
Etanol Total (10 ³ m ³)	8.006	9.164	14,5	30.316	26.911	-11,2
Etanol hidratado (10 ³ m ³)	6.531	6.869	5,2	20.966	19.149	-8,7
Etanol anidro (10 ³ m ³)	1.475	2.295	55,6	9.350	7.762	-17,0

Fonte: MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento); Elaboração: EPE.

Tabela 29 - Exportação de etanol

Exportações	II Trimestre			12 meses findos em junho		
	2009	2010	Δ %	2009	2010	Δ %
Volume (mil litros)	931,0	340,4	-63,4	4.554,2	2.308,6	-49,3
Valor (US\$ FOB/mil litros)	350,3	183,0	-47,8	2.066,0	1.090,1	-47,2

Fonte: MDIC; Elaboração: EPE.

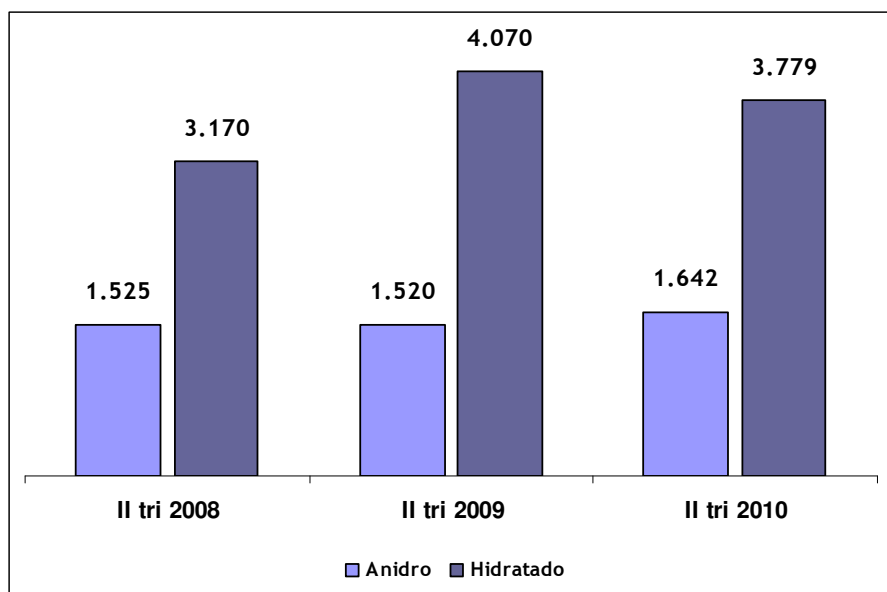
Tabela 30 - Venda de etanol (10³ m³)

Vendas	II Trimestre			12 meses findos em junho		
	2009	2010	Δ %	2009	2010	Δ %
Etanol Total	5.590,1	5.421,5	-3,0	21.317,4	21.824,2	2,4
Etanol hidratado	4.070,5	3.779,2	-7,2	15.021,2	15.232,1	1,4
Etanol anidro	1.519,6	1.642,2	8,1	6.296,2	6.592,1	4,7

Fonte: ANP; Elaboração: EPE.

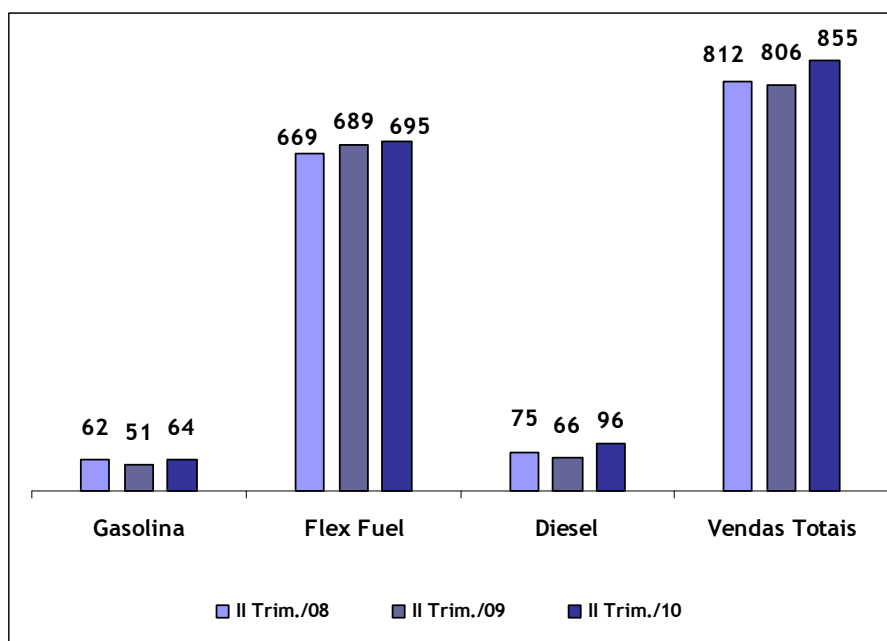
Segundo dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), no segundo trimestre o número total de veículos vendidos no país (855 mil unidades) superou em 6,1% o registrado para o mesmo período do ano anterior (806 mil unidades). As vendas de veículos de tecnologia flex responderam por 81,0% das vendas totais do trimestre. No Gráfico 25 e no Gráfico 26 podem ser visualizadas as vendas de etanol combustível e de veículos, no país, no segundo trimestre dos anos de 2008, 2009 e 2010.

Gráfico 25 - Vendas de etanol combustível (10^3 m^3)



Fonte: ANP; Elaboração: EPE.

Gráfico 26 - Vendas de automóveis no atacado por combustível (10^3 unidades)



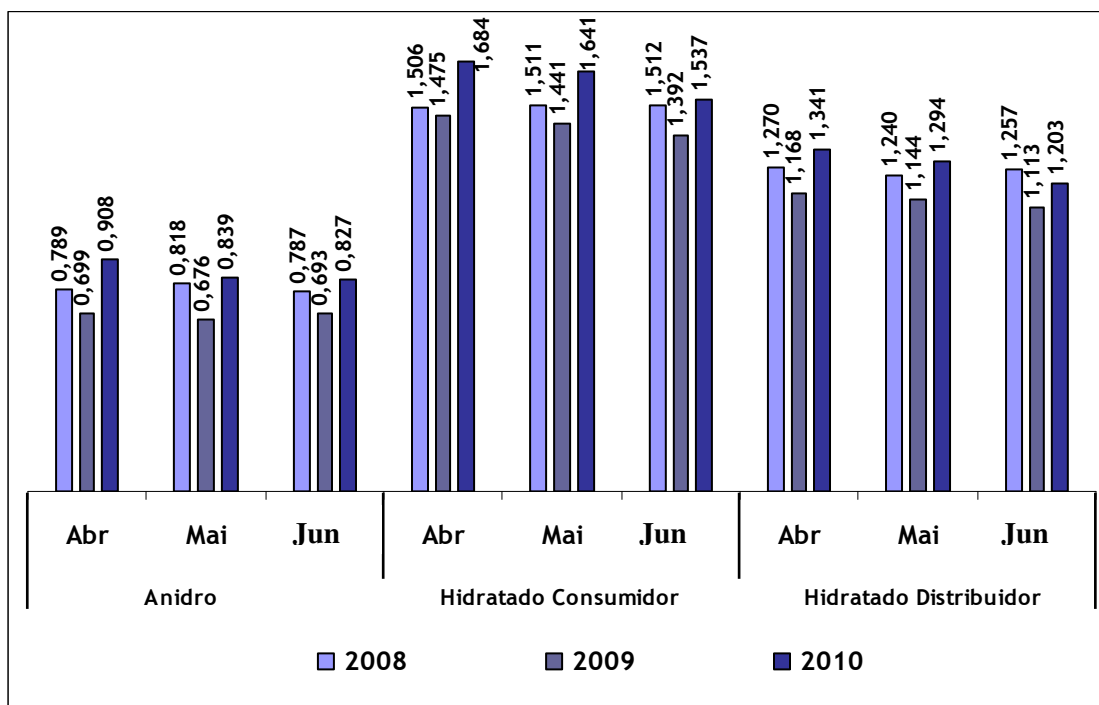
Fonte: ANFAVEA; Elaboração: EPE.

O preço médio ao consumidor do etanol hidratado no segundo trimestre de 2010 apresentou redução de 17,8% em relação ao registrado no trimestre imediatamente anterior. Já relativamente ao segundo trimestre de 2009 houve aumento de 12,9%. Para o distribuidor o acréscimo no preço médio do etanol hidratado no segundo trimestre frente igual trimestre de 2009 foi de aproximadamente 12,0%, ou seja, ligeiramente menor que o aplicado ao consumidor.

O preço médio do etanol anidro, no trimestre, apresentou significativa alta, de 24,5%, na comparação com o mesmo período de 2009. Já na comparação com o primeiro trimestre do ano, anotou queda de 27,7%.

O Gráfico 27 apresenta a evolução dos preços do etanol para o segundo trimestre dos três últimos anos.

Gráfico 27 - Preço do etanol (R\$/l)



Nota: Preços do anidro sem impostos.

Fontes: ANP (hidratado) e CEPEA (anidro); Elaboração: EPE.

2.2.3 Bagaço de cana

O bagaço da cana-de-açúcar, subproduto do processo de produção do açúcar e do etanol, é reaproveitado, principalmente, para gerar energia elétrica, por meio de sua queima nas próprias usinas. Parte desse resíduo, que é considerado o mais importante da indústria sucroalcooleira, é comercializada para outras indústrias localizadas próximas às usinas, especialmente as de celulose e de bebidas, em virtude da inviabilidade econômica envolvendo transporte por longas distâncias.

No contexto de finalidades não energéticas, o bagaço vem sendo utilizado na produção de ração animal, papel, compensados para móveis, insumo para adubação orgânica, briquetes

para fornos comerciais e também como matéria-prima importante para os institutos de pesquisa envolvidos com estudos de etanol celulósico (etanol de segunda geração).

A oferta nacional de bagaço de cana, estimada como proporção da cana colhida, foi de aproximadamente 60 milhões de toneladas no segundo trimestre de 2010, volume 24,7% maior que o registrado no mesmo período do ano anterior, em virtude do bom desempenho da safra de cana-de-açúcar. Em 12 meses findos em junho foi verificada expansão de apenas 2,2% em decorrência do fraco desempenho da safra 2009/2010.

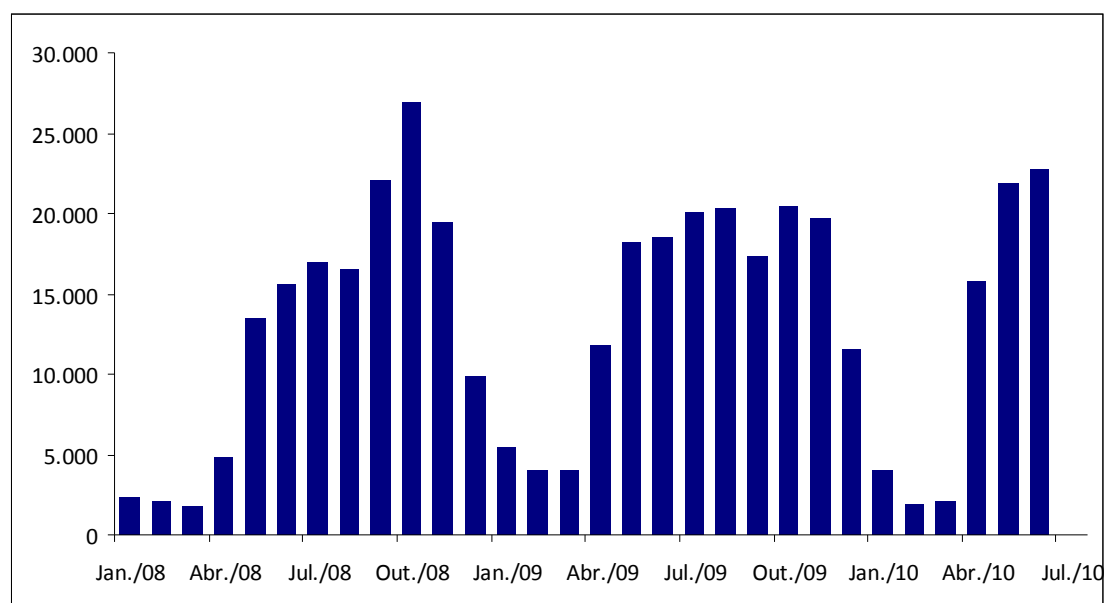
A Tabela 31 apresenta os dados de produção de bagaço de cana, enquanto o Gráfico 28 ilustra a evolução da oferta mensal.

Tabela 31 - Oferta de Bagaço de Cana

Produção	II Trimestre			12 meses findos em junho		
	2009	2010	Δ %	2009	2010	Δ %
Bagaço de cana (10 ³ t)	48.506	60.496	24,7	173.877	177.772	2,2

Fonte: MAPA; Elaboração: EPE

Gráfico 28 - Bagaço de Cana: Oferta mensal (10³ t)



Fonte: MAPA. Elaboração: EPE.

3 GÁS NATURAL

O volume médio diário de gás natural movimentado no país no segundo trimestre de 2010 foi de 90,4 milhões de m³, dos quais 68,7% ou 62,1 milhões de m³ foram extraídos no país e o restante, 28,3 milhões de m³, importados da Bolívia. A oferta total média ao mercado, por dia, foi de 54,6 milhões de m³, volume 18,8% maior que o ofertado em igual trimestre de 2009. A oferta de gás nacional no trimestre apontou acréscimo de 24,1% frente a igual período do ano anterior (21,2 milhões de m³/dia em 2009 e 26,3 milhões de m³/dia em 2010).

A produção nacional de gás natural cresceu 7,3% no trimestre, com volume médio diário de 62,1 milhões de m³. O melhor desempenho do período coube ao mês de abril, com expansão de 9,0% na comparação com o mesmo mês do ano anterior, enquanto os meses de maio e junho apresentaram variações muito próximas, de 6,3% e 6,5% respectivamente. Na região Sudeste, o estado do Rio de Janeiro, que sozinho responde por mais de 45,0% da produção nacional, apontou acréscimos na produção de gás associado nos meses de abril (+0,56 milhões de m³/dia) e maio (+0,27 milhões de m³/dia). Outro destaque no Sudeste foi o estado do Espírito Santo com expansão na produção de gás não associado, na comparação com os meses imediatamente anteriores, por três meses consecutivos (abril = +1,24 milhões de m³/dia, maio = +0,33 milhões de m³/dia, junho = +0,92 milhões de m³/dia).

Na Tabela 32 são apresentados os volumes de gás natural, movimentados e absorvidos pelos diversos segmentos.

Tabela 32 - Gás natural: balanço (milhões m³/dia)

Origem / Destinação	II Trimestre			12 meses findos em junho		
	2009	2010	Δ%	2009	2010	Δ%
Produção Nacional	57,9	62,1	7,3	58,6	59,9	2,2
Reinjeção	11,6	12,5	7,3	11,4	12,2	7,7
Queima e perda	10,9	6,7	-38,8	8,0	8,2	2,3
Consumo nas unidades de E&P	7,9	10,2	27,9	8,1	9,3	14,3
Consumo em transporte e armazenamento/Ajustes	3,0	3,3	10,7	2,4	3,0	22,3
Absorção em UPGNs (GLP, C5+)	3,3	3,2	-2,4	3,4	3,2	-6,5
Oferta de gás nacional ao mercado	21,2	26,3	24,1	25,2	24,0	-4,9
Oferta de gás importado	24,7	28,3	14,3	25,6	24,4	-4,7
Oferta Total ao Mercado	45,9	54,6	18,8	50,8	48,4	-4,8
Industrial ⁽¹⁾	27,7	34,3	23,6	29,6	32,7	10,2
Automotivo	5,7	5,4	-5,0	6,2	5,6	-8,6
Residencial	0,8	0,8	8,7	0,7	0,8	2,6
Comercial	0,6	0,6	7,4	0,6	0,6	2,0
Geração de Energia Elétrica	8,2	9,9	20,7	11,2	5,2	-53,0
Co-geração	2,3	2,8	23,7	2,2	2,8	30,1
Outros	0,6	0,7	3,1	0,4	0,7	74,9

Nota: ⁽¹⁾ inclui consumo direto do produtor

Fonte: Boletim do Gás Natural (MME); Elaboração: EPE.

A reinjeção apresentou significativa variação de 7,3% na comparação com igual período do ano anterior, mantendo-se praticamente estável quando comparada ao primeiro trimestre do ano.

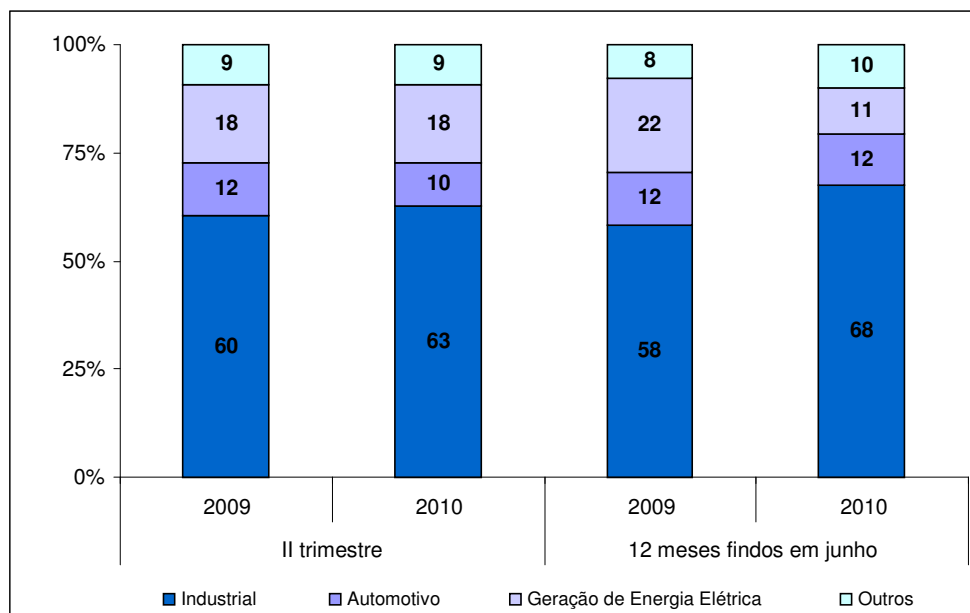
O consumo nas unidades de E&P, com alta de 27,9% no trimestre, expandiu 5,2% em abril frente ao mês imediatamente anterior, atingindo o patamar de dois dígitos (10,2 milhões de m³/dia). Já nos meses seguintes, maio e junho, esse consumo permaneceu praticamente inalterado, apontando 10,2 milhões de m³/dia e 10,1 milhões de m³/dia respectivamente.

A “queima e perda” apresentou significativa redução de 38,8% na comparação com igual período do ano anterior. No mês de junho foi apontado o menor valor desde abril de 2008 (5,8 milhões de m³/dia). Em 12 meses findos em junho a variação foi positiva, de 2,3%.

O consumo nacional de gás natural fechou o trimestre com expansão de 18,8% frente a igual período de 2009. O consumo industrial expandiu 23,6% no trimestre, atingindo 34,3 milhões de m³/dia e respondendo por 63,0% do total consumido no país. Também merece destaque a expansão do consumo na geração de energia elétrica que no mês de junho anotou 15,2 milhões de m³/dia, superando a média do ano de 2008 (14,9 milhões de m³/dia).

O aumento da participação do consumo industrial, em virtude da retomada da atividade industrial, bem como a redução da participação do consumo do setor automotivo, podem ser vistos no Gráfico 29.

Gráfico 29 - Destinação do gás natural (%)



Fonte: Boletim do Gás Natural (MME); Elaboração: EPE.

3.1 Mercado de distribuição de gás

O mercado de distribuição de gás natural corresponde à comercialização desse energético pelas companhias distribuidoras e representa o consumo total de gás no país, à exceção do consumido em instalações industriais da Petrobras (fertilizantes e geração de energia elétrica: Faffen, Termobahia e Canoas).

Segundo dados da Associação Brasileira das Empresas Distribuidoras de Gás Canalizado (ABEGÁS), a comercialização de gás natural no trimestre cresceu 16,5% na comparação com o mesmo período do ano anterior. Os meses de abril e junho apresentaram a mesma expansão de 22,2% frente a iguais períodos de 2009. Já em maio o crescimento foi de 6,3%.

A retomada da atividade industrial continuou sendo determinante para o bom resultado do período. À exceção do setor automotivo, que retraiu 5,0%, todos os demais setores apresentaram variações positivas no trimestre.

Desconsiderando o consumo de gás natural direto do produtor e tomando-se por base dados da ABEGÁS, verifica-se que a demanda por gás natural nos segmentos industrial e de geração de energia elétrica cresceram 24,3% e 9,8% respectivamente. Já as demandas residencial, comercial e de cogeração cresceram, respectivamente, 9,4%, 8,0% e 23,9% frente igual trimestre do ano anterior. Nesse contexto, a média diária do consumo nacional de gás natural aumentou de 38,4 milhões de m³/dia no segundo trimestre de 2009 para 44,7 milhões de m³/dia no segundo trimestre de 2010.

Nesse segundo trimestre, a região Sudeste consumiu em média 31,0 milhões de m³/dia de gás natural, o que equivale a 69,0% do consumo total do país, mantendo, assim, sua posição de maior consumidor nacional. No Nordeste, segundo maior consumidor, a média de consumo no trimestre foi de 9,0 milhões de m³/dia.

Ainda segundo a ABEGÁS, em junho de 2010, o país contava com 18.669,3 km de extensão de rede de distribuição, em atendimento a 1.799.213 clientes. Frente ao mês de junho de 2009 o número de clientes cresceu 19,0%.

Na Tabela 33 pode-se visualizar o consumo de gás natural no país, segundo as regiões e os usos.

Tabela 33- Gás natural: variação do consumo no segundo trimestre de 2010 (%)

Região	Setor					
	Industrial	Automotivo	Residencial	Comercial	Geração de Energia Elétrica	Cogeração
Norte	-	-	-	-	-	-
Nordeste	14,8	-5,8	31,7	16,2	361,2	59,0
Sudeste	27,1	-5,9	9,0	6,7	-0,6	-0,8
Sul	17,5	3,2	28,1	15,4	-100,0	20,1
Centro-Oeste	84,7	-8,5	8,4	5,5	19.800,0	-8,7
Total	24,3	-4,9	9,4	8,0	9,8	23,9

Nota: Variação contra mesmo trimestre do ano anterior

Fonte: ABEGÁS; Elaboração: EPE.

3.1.1 Consumo Industrial

O segmento industrial que é o mais representativo do mercado nacional de gás natural, de acordo com dados da ABEGÁS, respondeu por 58,0% do consumo total no trimestre. A média diária de consumo na indústria foi de 25,8 milhões de m³, correspondendo a uma significativa expansão de 24,3% frente ao consumido no mesmo período do ano anterior (20,8 milhões de m³/dia), e atingindo a média do ano de 2008, período pré-crise. A maior variação foi verificada no mês de abril, que cresceu 33,0% na comparação com o mesmo mês de 2009, enquanto maio e junho apresentaram, respectivamente, acréscimos de 22,0% e 19,0% na mesma base de comparação. Já com relação ao primeiro trimestre do ano a expansão foi de 4,2%.

A região Sudeste, que no trimestre participou com 74,0% do consumo industrial total, apresentou variação positiva de 27,0% frente a igual período do ano anterior. Nesse contexto, o estado de São Paulo, cujo consumo representa 64,0% do consumo industrial regional e 48,0% do nacional, cresceu 20,0%, seguido do estado do Rio de Janeiro, com 19,0% de participação e acréscimo de 23,0%. Os estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, que continuam com participações semelhantes, expandiram, respectivamente, 67,0% e 78,0%.

A região Nordeste, com 14,0% de participação, continua ocupando a segunda posição no consumo industrial nacional, tendo apresentado expansão de 15,0% na comparação com o segundo trimestre de 2009. O estado da Bahia, que no trimestre manteve a participação de 48,0% do consumo industrial da região, cresceu 17,0% frente o mesmo período do ano anterior, seguido do estado de Pernambuco com crescimento de 20,0% e participação de 21,0%.

A região Sul apresentou ligeiro aumento de participação, passando a contribuir com 11,0% do consumo industrial total do trimestre. Os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul que

contribuíram com, respectivamente, 48,0% e 34,0%, apresentaram crescimentos de 17,0% e 18,0% respectivamente. O estado do Paraná apresentou desempenho semelhante aos demais, apontando crescimento de 19,0%.

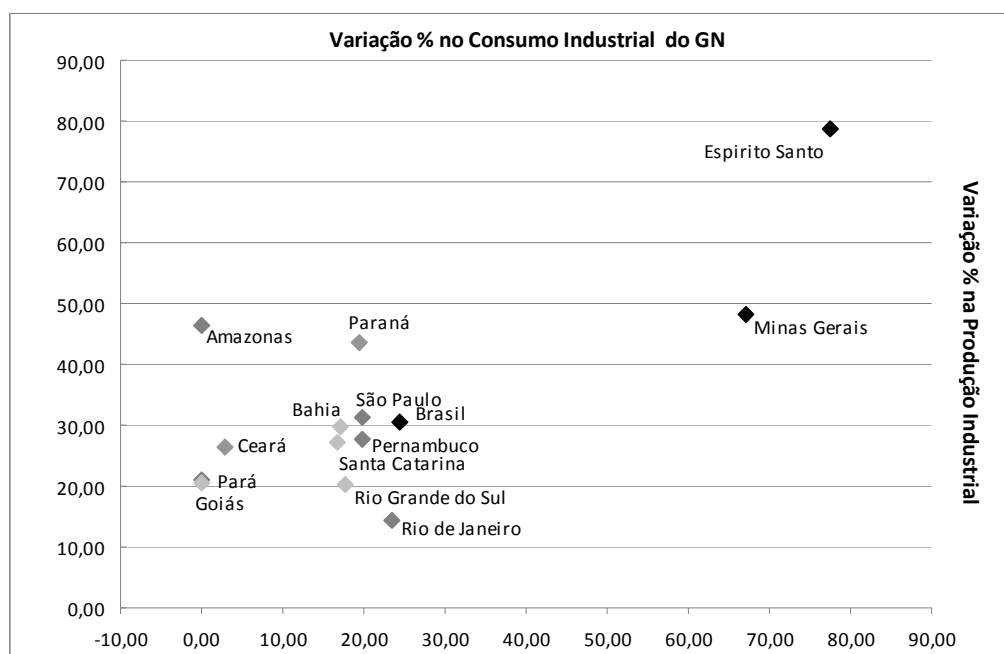
No Centro-Oeste, que respondeu por apenas 1,0% do consumo industrial do trimestre, o consumo ficou praticamente restrito ao estado de Mato Grosso do Sul, apontando expansão de 90,0% na comparação com o segundo trimestre de 2009. Essa forte reação é explicada, principalmente, pelo consumo de gás natural na fábrica de celulose Fibria, em Três Lagoas. Cabe, ainda, mencionar que um convênio entre a Companhia de Gás de Mato Grosso do Sul e a GNV/MT - Distribuidora de Gás Natural Ltda possibilitou o acesso ao Gás Natural Comprimido (GNC) a algumas localidades não atendidas por gasoduto convencional, beneficiando de imediato uma indústria cerâmica da região.

A região Norte continua sem apresentar consumo industrial de gás natural.

Segundo dados da ABEGÁS, no final do mês de junho o setor industrial contava com um total de 2.601 clientes, que representa uma expansão de 1,4% ante o mesmo período do ano anterior.

O Gráfico 30 apresenta as variações do consumo industrial de gás e da produção industrial para os estados onde o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) calcula este índice. O gráfico evidencia forte correlação entre as variáveis.

Gráfico 30 - Correlação entre o consumo de gás natural na indústria e a produção industrial - II trimestre 2010



Fonte: IBGE (PIM-PF) e ABEGAS (Consumo de gás); Elaboração: EPE.

No Sudeste, continuam se destacando os resultados do consumo de gás natural e da produção física industrial dos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, cujas economias estão fortemente embasadas em atividades extrativas minerais.

3.1.2 Geração de Energia Elétrica

O período seco aliado ao fenômeno La Niña tem resultado em maior acionamento das usinas térmicas de modo a garantir a manutenção do volume armazenado de água em níveis seguros, o que tem contribuído fortemente para o acréscimo do consumo de gás natural na geração de energia elétrica.

No trimestre, a expansão foi de 9,8% frente igual período do ano anterior, com o consumo de gás na geração de energia elétrica respondendo por 19,0% do consumo nacional. No mês de junho o consumo nesse segmento anotou variação de + 52,6% na comparação com o mesmo mês do ano anterior e respondeu por 26,0% do consumo nacional.

A análise regional mostra que na região Sudeste o consumo se manteve praticamente inalterado, com queda de apenas 0,6% frente a igual período de 2009. No mês de junho, no entanto, foi verificada expansão de 63,0%, merecendo destaque o desempenho do estado de São Paulo. Já no Nordeste, no segundo trimestre, foi apontado acréscimo bastante relevante, de 361,2%, explicado pelo aumento de consumo dos estados de Pernambuco e do Ceará.

No Centro-Oeste, o estado do Mato Grosso do Sul, único da região a apresentar consumo nesse segmento, contou, especialmente, com o registro do mês de junho, de 197,9 mil m³/dia.

Na região Sul não foi verificado consumo nesse segmento no segundo trimestre.

3.1.3 Gás Natural Veicular (GNV)

No segundo trimestre de 2010 o consumo nacional de GNV apresentou retração de 5,0% na comparação com igual período do ano anterior. Com relação ao primeiro trimestre a queda foi de 3,6%.

A análise regional revela que as regiões Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste apresentaram reduções de, respectivamente, 5,9%, 6,0% e 8,5%, enquanto o Norte manteve o mesmo patamar tímido de consumo (2,5 x 10³ m³/dia) e o Sul cresceu 3,2%.

Na região Sudeste, que no trimestre concentrou 68,0% do consumo de GNV nacional, os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, juntos, responderam por 94,0% do consumo regional. O estado do Rio de Janeiro, participando com 68,0% retraiu 2,8% no trimestre, enquanto em São Paulo a queda foi de 11,5%. No que se refere ao número de postos de abastecimento, segundo dados da ABEGÁS, ao final do mês de junho a região contava com 1.046 unidades, que corresponde a 61,0% do total de postos em funcionamento no País.

O Nordeste, ainda ocupando a segunda posição no consumo, manteve sua participação em 19,0%. Os estados da Bahia, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte mantiveram participações semelhantes, entre 17,0% e 19,0%, compondo, juntos, 71,0% do consumo regional. A maior redução do período coube ao estado da Bahia, 16,3%, seguida do estado de Sergipe, que participando com 10,0% do consumo de GNV regional, retraiu 11,6%.

A região Sul, respondendo por 12,0% do consumo do segmento, foi a única a apresentar crescimento no período, apontando variação de 3,2% na comparação com o segundo trimestre de 2009. A maior expansão ficou por conta do Rio Grande do Sul cuja variação foi de 6,0%.

Vale destacar que, apesar da queda no consumo do trimestre, o número de postos de abastecimento de GNV em todo o país continuou aumentando, apontando crescimento de 1,3% na comparação entre o mês de junho de 2010 e igual mês do ano anterior, atingindo, 1.708 unidades, segundo a ABEGÁS.

No tocante ao preço, o GNV apresentou queda de 3,2% (Tabela 34) na comparação com o segundo trimestre de 2009. As regiões Sudeste e Sul apresentaram reduções semelhantes, de 3,1% e 2,8%, respectivamente, enquanto na região Norte, onde o tímido consumo se restringiu ao estado do Amazonas, a alta foi de aproximadamente 17,0%.

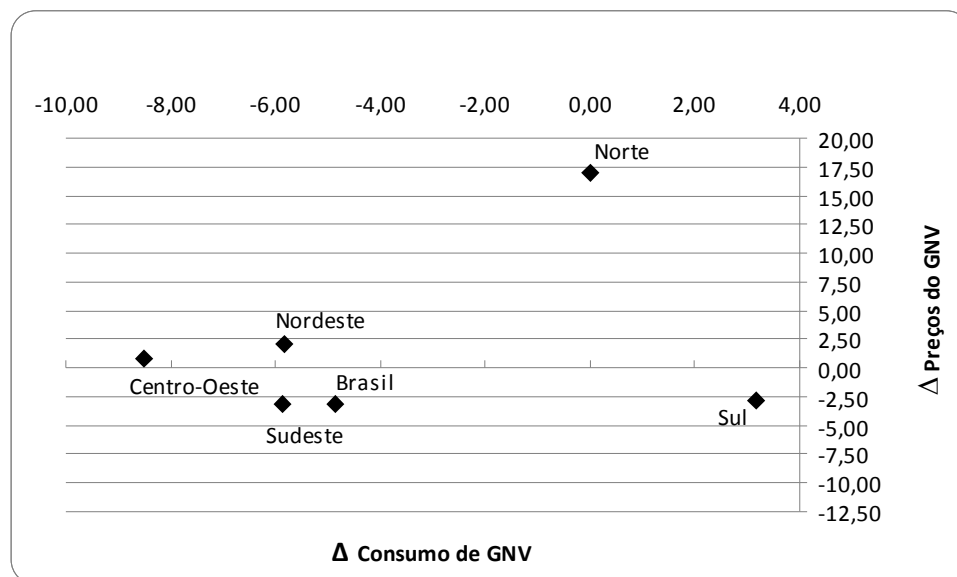
Tabela 34 - Gás Natural Veicular: tarifa (R\$/m³)

Região	Média no II Trimestre		Δ %
	2009	2010	
Centro-Oeste	1,76	1,77	0,9
Nordeste	1,75	1,78	2,1
Norte	1,40	1,64	16,9
Sudeste	1,62	1,57	-3,1
Sul	1,75	1,70	-2,8
Brasil	1,66	1,60	-3,2

Nota: Preço ao consumidor. Fonte: ANP. Elaboração: EPE.

O Gráfico 31 mostra a relação entre a variação do consumo de GNV e a variação nos preços.

Gráfico 31 - Variações no preço e consumo de GNV - II trimestre 2010



Fonte: ANP e ABEGÁS. Elaboração: EPE.

3.1.4 Consumo Residencial

O segmento residencial, com participação de apenas 2,0% no consumo nacional de gás natural, apresentou expansão de 9,4% no segundo trimestre frente o mesmo período do ano anterior.

A análise regional revela que, à exceção do Norte que continuou sem apresentar consumo de gás natural nesse segmento, o crescimento foi generalizado. A região Sudeste, que contribuiu com 97,0% do consumo residencial nacional, expandiu 9,0% na comparação com o segundo trimestre de 2009. As regiões Sul e Nordeste, que participaram com 1,3% e 1,2% respectivamente, apontaram crescimentos de 28,1% e 31,7%.

O consumo do Sudeste continuou concentrado nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, que juntos responderam por 99,0% do total da região no segundo trimestre de 2010. Cabe destacar que o estado de São Paulo apontou crescimento de 15,9% enquanto no estado do Rio de Janeiro o consumo se manteve praticamente inalterado.

Na região Nordeste, à exceção dos estados do Maranhão e do Piauí, todos os demais apresentaram crescimento no consumo de gás natural na comparação com o segundo trimestre do ano anterior.

Na região Sul a expansão se deu de forma generalizada.

Segundo a Associação Brasileira das Empresas Distribuidoras de Gás Canalizado (ABEGÁS), o número total de clientes residenciais de gás natural continua em expansão, tendo apresentado crescimento de 19,3% na comparação entre os meses de junho de 2010 e de 2009, apontando um total de 1.771.818 clientes. Cabe ressaltar a contribuição de 97,5% da região Sudeste no número total de clientes residenciais.

3.1.5 Consumo Comercial

O segmento comercial, com participação de apenas 1,0% no consumo nacional de gás natural, apresentou expansão de 8,0% no segundo trimestre de 2010 frente igual período de 2009.

A análise regional revela que o consumo comercial de gás natural do Sudeste, que participa com 85,0% do consumo nacional, apresentou acréscimo de 6,7% na comparação com igual período de 2009. Os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, que juntos responderam por 95,0% do consumo da região, apresentaram variações de 8,0% e 5,0%, respectivamente.

Na região Nordeste, com participação de aproximadamente 8,0% no consumo nacional, a expansão foi de 16,2%. O estado da Bahia, que sozinho respondeu por 60,0% do consumo da região, cresceu 14,0% na comparação com o segundo trimestre de 2009. Os estados de Pernambuco e Alagoas com, respectivamente, 16,0% e 12,0%, também apresentaram crescimentos expressivos, de 42,0% e 6,0%.

As regiões Sul e Centro-Oeste cresceram, respectivamente, 15,4% e 5,5%, sendo que o Centro-Oeste continuou mantendo tímida participação, menor que 0,5%, no contexto nacional.

Cabe destacar que as participações regionais de consumo comercial se mantiveram, praticamente, nos mesmos patamares do segundo trimestre de 2009.

O número de clientes nesse segmento na comparação entre os meses de junho de 2010 e de 2009 cresceu 4,3%. A região Sudeste contribuiu, no trimestre, com 94,0% do número total de clientes, seguida das regiões Nordeste e Sul, com 3,0% e 2,6%.

3.1.6 Cogeração

O segmento de cogeração, que respondeu por 6,0% do consumo de gás natural no país, apresentou crescimento bastante expressivo, de 23,9%, na comparação com o segundo trimestre do ano anterior, puxado, principalmente, pelo desempenho da região Nordeste. Cabe ressaltar que, no trimestre, o aumento de consumo de gás natural no segmento de cogeração se situou no mesmo patamar de expansão do segmento industrial.

Na região Nordeste, onde a expansão foi de 59,0% frente o mesmo período de 2009, o estado da Bahia expandiu 67,0% e, sozinho, respondeu por 94,0% do total regional. Outros estados com variação positiva foram Ceará (32,0%), Alagoas (31,0%) e Rio Grande do Norte (21,0%). Já o estado de Pernambuco, com participação de 2,0%, apresentou queda de 48,0%, enquanto Sergipe, já com participação bem tímida no segundo trimestre de 2009, retraiu 16,0%. No mês de junho o Nordeste, com 13 usuários, ocupava a segunda posição em número de clientes no segmento.

A região Sudeste, que participou com 37,0% do consumo de cogeração no trimestre, retraiu 0,8% frente igual período de 2009, tendo fechado o mês de junho com um total de 29 clientes.

No Sul, que contribui com 17,0% do consumo total nacional e contava em junho com apenas 4 clientes, a expansão foi de 20,0%, com os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina apresentando participações semelhantes, de 52,0% e 48,0%, respectivamente. O melhor desempenho ficou por conta do estado do Paraná que cresceu 51,0%.

A região Centro-Oeste, com 0,2% de participação e consumo apenas no estado do Mato Grosso do Sul, retraiu aproximadamente 9,0%.

3.2 Perspectivas do Setor

A tendência de crescimento do mercado de gás natural se mantém, com respaldo, principalmente, nas perspectivas de oferta crescente, na facilidade de transporte promovida pela integração nacional da rede de gasodutos, e nos investimentos em infraestrutura que vem sendo realizados pelas empresas do setor. Ademais, é esperado que o decreto de regulamentação da Lei do Gás, com efeito sobre o transporte, a estocagem, o processamento e a comercialização do gás natural, torne o mercado mais eficiente, ampliando a competitividade do energético.

No contexto de flexibilidade de oferta há previsão de elaboração, para 2011, de um plano nacional de expansão da malha de gasodutos, bem como de criação de um plano de contingência para eventuais crises no fornecimento nacional de gás natural. Cabe ressaltar que a expectativa de expansão do mercado de gás natural tem levado ao desenvolvimento de diversos projetos voltados à questão de infraestrutura, merecendo destaque os empreendimentos do Projeto Malhas, PLANGÁS (Plano Nacional de Antecipação da Produção de Gás) e a expansão do trecho Sul do GASBOL.

Com relação à infraestrutura estadual do gás natural vale destacar:

- O estado do Espírito Santo, que consolidará sua importância no mercado nacional com o início de operação do segundo módulo da Unidade de Tratamento de Gás de

Cacimbas (UTGC), a pré-operação da Unidade de Tratamento de Gás Sul Capixaba (UTG Sul) e o desenvolvimento do campo de gás de Canapu, localizado no litoral norte do estado. Essas novas unidades de tratamento de gás estão estrategicamente interligadas ao Gasoduto Sudeste-Nordeste (Gasene) responsável pela interligação das regiões Sudeste e Nordeste. Cabe ressaltar que os investimentos realizados no setor de gás natural atraíram, para o estado, o projeto do Complexo Gás-Químico, que irá produzir uréia, metanol e derivados;

- O estado do Maranhão, que deverá ser amplamente beneficiado em virtude da descoberta, no município de Capinzal do Norte, de relevante reserva de gás natural, fato que poderá levá-lo a se destacar entre os maiores produtores do insumo. Essa descoberta já resultou, inclusive, na duplicação da capacidade de produção da usina termelétrica a gás que está em fase de implantação na cidade de Santo Antônio dos Lopes;
- O início de operação da segunda etapa do gasoduto do Vale do Aço, no estado de Minas Gerais, com capacidade para transportar 2,4 milhões de m³/dia de gás natural para a região do Leste do estado, criando facilidade de atendimento a um potencial mercado de metalurgia. Uma nova ampliação prevista para 2012 deverá atender o município de Governador Valadares beneficiando projetos especialmente nos ramos de celulose e siderurgia;
- No estado de Pernambuco, a distribuidora local efetuará novos investimentos em ampliação da rede visando a prover a infraestrutura adequada ao abastecimento do Complexo de Suape.

(Esta página foi intencionalmente deixada em branco para o adequado alinhamento de páginas na impressão com a opção frente e verso - “*double sided*”)

4 REFERÊNCIAS UTILIZADAS

ABCR - Associação Brasileira de Concessionárias de Rodovias. <<http://www.abcr.org.br>>

ABEGÁS - Associação Brasileira das Empresas Distribuidoras de Gás Canalizado,
<<http://www.abegas.org.br>>

ANAC - Agência Nacional de Aviação Civil. <<http://www.anac.gov.br>>

ANEEL - Agência Nacional de Energia Elétrica. <<http://www.aneel.gov.br>>

ANFAVEA - Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores.
<<http://www.anfavea.com.br>>

ANP - Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis.
<<http://www.anp.gov.br>>

CCEE - Câmara de Comercialização de Energia Elétrica. <<http://www.ccee.org.br>>

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada.
<<http://www.cepea.esalq.usp.br>>

CNI - Confederação Nacional da Indústria. <<http://www.cni.org.br>>

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. <http://www.conab.gov.br>

COPAM - Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica

CRB - *Commodity Research Bureau*. <<http://www.crbtrader.com>>

EIA - *Energy Information Administration*. <<http://www.eia.doe.gov>>

ELETRORBRAS - Centrais Elétricas Brasileiras S.A. <<http://www.eletroras.com>>

ELETRONORTE - Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A. <<http://www.eln.gov.br>>

FGV - Fundação Getúlio Vargas. <<http://www.fgv.br>>

FUNCEX - Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior. <<http://www.funcex.com.br>>

GasNet - <<http://www.gasnet.com.br>>

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <<http://www.ibge.gov.br>>

IPEADATA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. <<http://www.ipeadata.gov.br>>

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. <<http://www.agricultura.gov.br>>

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.
<<http://www.desenvolvimento.gov.br>>

MME - Ministério de Minas e Energia. <<http://www.mme.gov.br>>

ONS - Operador Nacional do Sistema Elétrico. <<http://www.ons.org.br>>

OPEP - Organização dos Países Exportadores de Petróleo. <<http://www.opec.org>>

PETROBRAS - Petróleo Brasileiro S.A. <<http://www.petrobras.com.br>>

PLATTS. <http://www.platts.com>

ANFAVEA Carta da Anfavea 279. Agosto de 2009. Disponível em <
www.anfavea.com.br/carta.html > Acesso em: 4 jan .2010.

ANFAVEA Carta da Anfavea 280. Setembro de 2009. Disponível em <
www.anfavea.com.br/carta.html > Acesso em: 4 jan .2010.

ANFAVEA Carta da Anfavea 281. Outubro de 2009. Disponível em <
www.anfavea.com.br/carta.html > Acesso em: 4 jan .2010

EMPRESA DE PESQUISA ENERGÉTICA - Resenha Mensal do Mercado de Energia Elétrica

ANO II Número 24 - Setembro de 2009

ÚNICA - União da Indústria de Cana-de-açúcar <<http://www.unica.com.br>>